

Stadium

N.º 351
24 de Agosto de 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Josquim Branco (do Belenense) e M. dos Fernandes (do Benfica), dois grandes atletas, que a abam mais uma vez de revelar extraordinárias qualidades: o primeiro bateu o record dos 2.000 metros e o segundo venceu o decatlo nacional





Uma fase plena de movimento, do jogo entre o Técnico e o Sporting C. P.

O terceiro campeonato nacional de voleibol reuniu na sua fase final cinco equipas que se bateram com extraordinário entusiasmo, oferecendo ao público numeroso, partidas renhidas e muita vez de bom índice técnico.

A impressão global deixada é de subida de classe das equipas portuguesas, que ao contacto dos sudistas vão assimilando as modernas formas de jogo e da superioridade do Instituto Superior Técnico, de um valor destacado de todos os restantes e cuja supremacia no voleibol português continua assente sobre sólidas bases.

Os campeões nacionais cuidam da sua preparação colectiva com interesse e persistência que se traduzem na organização consciente dos esquemas de jogo e na regularidade das exhibições. Dispõem ainda do mais abundante núcleo de bons jogadores, equivalendo-se; prova flagrante foi dada no encontro com o Nacional quando, na terceira partida, per-

VOLEIBOL

APRECIACÕES

sobre o campeonato nacional

dendo por 3-9, substituiu toda a linha e os seis que entraram conseguiram recuperar e ganhar por 17-15.

O Técnico utilizou 13 jogadores, dos quais nove rematadores; os seus melhores elementos foram André Mendes e Fernando Frade; Pinto Leite alcançou muitos pontos com o seu potente remate, mas deixou também muitas bolas na rede.

O Sporting de Espinho, segundo classificado, mereceu o posto; a equipa progrediu bastante e ganhou grande moral pela sua primeira e fácil vitória sobre os madeirenses. Serviu-se de nove jogadores e Walter Brandão foi o mais eficiente dos seus atacantes. Equipa muito regular e com boa preparação técnica.

O Nacional da Madeira teve uma estreia desastrosa, mas recompoz-se na jornada seguinte e deu que fazer aos restantes adversários; podendo praticamente contar apenas com seis jogadores pois o único reserva que trouxe era de classe muito inferior, houve-se com brio e dignificou a sua Associação. Contou com dois bons atacantes, Rui Henrique e F. Oliveira, este com um sistema efficacíssimo de bolas infiltradas entre o bloco e a rede e a sua defesa de fundo mostrou-se seguríssima.

O Sporting de Lisboa falhou por completo; fiando-se na de-

astrosa exhibição do Nacional no primeiro dia, certificou-se de fácil triunfo na manhã seguinte e a resistência inesperada desorientou-o. Nunca mais se encontraram.

Câmara Pereira, Melo e Silva, Marques Pinto e Moniz Pereira foram eles próprios; os restantes vinte elementos, em baixo de forma ou sem valor para grandes cometimentos.

Finalmente, o Leixões ocupou o último lugar, mas a sorte não o ajudou nos momentos críticos.

Dos seus onze jogadores destacaram-se Costa Pereira, Campos e Abel Gomes.

As arbitragens do campeonato foram bastante dispares; o critério de julgamento das faltas pessoais difere muito nos nossos árbitros e se alguns pecam por exagero de rigor, outros são excessivamente complacentes. Dos árbitros nortenhos, que nos eram desconhecidos, dois deixaram a melhor impressão: o dr. António Neves, o mais rigoroso na marcação dos dois toques, mas menos severo a punir os transportes no remate; e Manuel Seabra, do Leixões, sempre atento e com perfeita interpretação dos factos.

Os segundos juizes foram, na generalidade, simples espectadores a quem o interesse pelo desenvolvimento das jogadas fazia esquecer todo o resto.

SALAZAR CARREIRA



Um grupo de desportistas de Leiria, antigos jogadores dos clubes da cidade, que têm realizado várias exhibições de carácter beneficente, nalgumas terras da sua região. De pé: Ballazar, Joaquim Lúcio, Manuel Ribeiro, Albertino Baptista (capitão), António Oliveira, Fernando Pinto e Artur Cabral Sanches (treinador). De joelhos: Carvalho, Carlos Pimenta, Aníbal Varela, Carlos Maximiano e Caseiro.

Atletismo feminino

O atletismo feminino em Portugal nunca teve, felizmente, preocupações de grandes resultados, mas foi, durante muitos anos uma actividade desportiva agradável e simpática, cujas praticantes relativamente numerosas demonstravam habilidade, preparação física e, por vezes, técnica e estilo que os camaradas masculinos podiam invejar.

Nos primeiros anos, a competição Lisboa-Porto mantinha considerável animação nos torneios nacionais e os títulos conquistavam-se após acesa luta, contra adversárias de força equilibrada e numerosas bastante para que os lugares de classificação não chegassem para todas as candidatas.

O primeiro golpe no interesse da modalidade foi vibrado pelas portuguesas, abandonando-a; depois, em Lisboa, as atletas que desapareciam não encontravam quem as substituissem e chegou-se assim à penúria actual, que atingiu nos últimos campeonatos nacionais um grau incompatível com as noções elementares da competição desportiva e do respeito que qualquer actividade com pretensão a desporto deve a si própria.

Apreciamos muito o entusiasmo das praticantes, mas não basta; é inaceitável que se possa ser campeão de Portugal lançando o disco a dezasseis metros ou que se classifique em pontuação uma lançadora que atirou o peso a cinco metros. Não faz sentido que numa classificação colectiva, contem pontos todas as concorrentes presentes, seja qual a marca alcançada.

A Federação nacional ou quem de direito, deve estudar o problema e intervir de maneira que as novas determinações impeçam as anomalias e insuficiências existentes, mas sirvam ao mesmo tempo de estímulo para o progresso no futuro.

Permitimo-nos sugerir duas medidas para solução de emergência: primeiro, estabelecer uma tabela de mínimos, à base dos resultados dos anos anteriores de melhor competição, abaixo dos quais não se classificariam as concorrentes; segundo, reduzir o número das classificadas a contar para a pontuação geral, de seis para três, acrescentando que, se o número das participantes fosse de três ou menor, a última não poderia pontuar.

Talvez por esta forma se conseguisse melhor preparação técnica das nossas atletas e uma seleção de valores correspondendo melhor à real possibilidade das raparigas e evitando exhibições incompetentes com a gravidade de uma competição pública oficial.

Ano VII — II Série — N.º 351
Lisboa, 24 de Agosto de 1949

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de

EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



DIAS DOS SANTOS.

(DO F. C. DO PORTO)

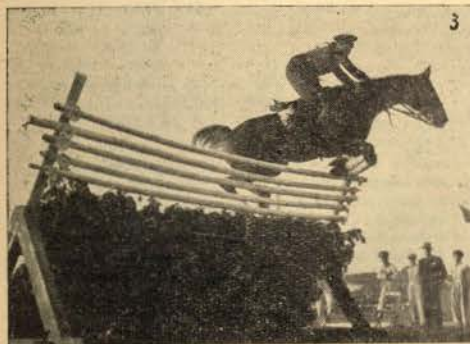
VENCEDOR DA XIV VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Stadium
1949

CONTRASTES...



«Egalité», uma égua de grande categoria, transpõe a triplíce vara com classe



Quando o «Congo» salta em allura 2 metros, não é nada para ele...



O «Ornalton» passa com brilho e desembaraço a «barreira de spa»

No hipismo como, de resto, em todos os outros desportos, há sempre que contar com os reveses, com o momento ingrato do infortúnio que, quando chega, faz derrubar um mundo de ilusões e de esperanças.

No futebol há, entre variadíssimas coisas, o pontapé fortíssimo e indefensável que, por mera infelicidade, bate na trave e que, não entrando na baliza não toca, consequentemente, as malhas da rede; no hóquei patinado surgem, por vezes, avarias nos patins que desfazem de um sopro uma avançada perigosa da qual, talvez, resultasse gol; no ciclismo temos o «furo» a poucas dezenas de metros da meta, quando já não é possível recoler; no hipismo há a considerar mil e um factores que transformam uma prova que podia, normalmente, ser brilhante, numa acção cinzenta e sem brilho.

E' que a qualquer infortúnio originado pela pouca sorte do cavaleiro, há que juntar a «malpata de los caballos» como dizem os nossos vizinhos da Península.

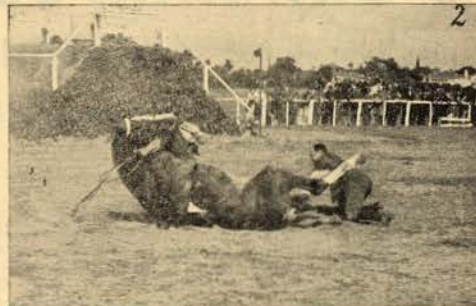
Para se ganhar uma prova hípica tem que se contar com o factor sorte do homem, aliado ao factor sorte da montada. Se não for assim, há a lamentar a «recusa» que não se conseguiu evitar; o esquecimento de uma pata caída que faz derrubar um obstáculo, ou, ainda, o acidente puro que estraga uma prova até ali brilhante.

Desses accidentes damos hoje uma ideia ao leitor, através de seis fotografias, nas quais se poderá verificar a perfeição de três saltos e o que acontece quando as coisas correm mal e a sorte abandona o «conjunto».

Claro que dizemos o «conjunto» porque, por vezes, não é só o cavaleiro que sofre. Também para o cavallo o momento é crítico e de trágicas consequências...

Verifique o leitor com os seus próprios olhos o contraste flagrante das seis fotos que as objectivas dos nossos fotógrafos fixaram e que ficam para a história, a provar que no hipismo nem tudo são louros ou vitórias. Também há na equitação momentos críticos que não se conseguem evitar e que transformam um mundo de esperanças e de ilusões num caso muito sério...

Entre dezenas de fotografias escolhemos estas. Todas elas servem, às mil maravilhas, para que se verifique o contraste das atitudes. Todas documentam, com clareza, o que acontece quando a sorte abandona o cavaleiro ou desacompanha a montada.



A mesma «Egalité» em momento crítico, escorrega, e cai longe do obstáculo



... mas quando não quiere saltar o resultado está à vista



... porém aqui atrapalhou-se nas varas e o contraste é flagrante

AO Concurso Hípico Internacional de Cascais está intimamente ligado o nome de Manuel Possolo, o mais dinâmico e entusiasta dos seus organizadores. Sem o seu, nunca desmentido, esforço, nem a sua devotada dedicação, não teria, sem dúvida, o apreciado certame atingido tão alta craveira nos meios hípicos nacionais.

Pensamos ouvi-lo, uma vez que sabemos estar à porta o certame deste ano e desconhecemos totalmente as bases em que seria fixada a sua programação.

Manuel Possolo que, por modestia, se esquivou à entrevista, preferiu conversar com o jornalista, sem outra qualquer intenção que não fosse a de simples meio de informação.

Talvez irreverentemente, resolvemos transmitir ao leitor o que ouvimos e que poderá interessar os numerosos adeptos do hipismo,

MANUEL POSSOLO

FALA-NOS DO CONCURSO DE CASCAIS

no o fazendo, no entanto, sem que peçamos desculpa da irreverência.

— O Concurso Hípico Internacional de Cascais será organizado, como os anteriores, pela Sociedade de Propaganda local, este ano com a colaboração da Câmara Municipal, que nomeou seu delegado o vereador Henrique Margaride — diz-nos Manuel Possolo.

— De quantos dias se compõe o programa?

— Foram autorizados cinco dias com início no sábado 3 e terminos no domingo 11.

— O programa é idêntico ao dos anos anteriores?

— Semelhante, uma vez que, não sabendo se podíamos, contar com a colaboração de equipas estrangeiras, tivemos que lhe dar uma feição diversa, pensando disputar provas de manhã e de tarde. Assim se imprimiram os programas mas, como, todavia, não é possível a vinda de equipas de fora, talvez que as provas possam ser disputadas só à tarde. Tudo depende do número de inscrições que sabemos, no entanto, ser grande.

— Quanto a prémios?

— Cerca de cinquenta e cinco mil escudos, além de vinte Taças.

Eis o que nos disse Manuel Possolo, acerca do Concurso Hípico de Cascais que terá lugar de 3 a 11 de Setembro no aprazível hipódromo da Gandarinha.

ANTAS TEIXEIRA

O DR. CAMPOS FIGUEIRA

presidente da A. F. L.

fez-nos desassombradas afirmações

Por PITTA CASTELEJO

Depõe hoje nas colunas da «Stadium», o prestigioso presidente da Associação de Futebol de Lisboa, sr. dr. A. Campos Figueira.

O ilustre desportista, figura grada na vida social portuguesa e caudatário com posição destacada no fóro, tem revelado na presidência da primeira Associação do País, uma invulgar competência.

A obra já realizada é sobremaneira notável, muito lhe devendo o desporto da capital que encontrou na sua dedicação e esclamada inteligência o melhor esteio para a defesa dos múltiplos problemas que assobrem os clubes — grandes e pequenos.

Recolher a sua autorizada opinião, com vista à futura actividade da época que se aproxima, era indeclinável dever a que não nos podíamos eximir.

Confiados na proverbial gentileza do dr. Campos Figueira e na sua boa amizade, telefonamos-lhe na passada sexta-feira e dissemos-lhe o que pretendíamos.

De acordo com o combinado, no dia seguinte recebeu-nos no seu escritório e, aí, apesar do dinâmico dirigente ter o seu tempo rigorosamente contado, a troca de impressões decorreu em tom ameno e despreocupado, sem formalismos nem elíquias, durante precisamente noventa minutos (o tempo regulamentar de uma partida de futebol), que se prolongariam muito mais se não houvessemos reconhecido que urgia deixar livre o nosso entrevistado para que pudesse cuidar dos assuntos que interrompera para nos atender.

Quando lhe pedimos uma fotografia para ilustrar a página, depois de polidamente se ter escusado por várias vezes, cedendo por fim ante a nossa firme insistência, levou a sua cortezia ao ponto de nos entregar a única que possuía diferente das que têm sido publicadas e que tirara em Roma durante a guerra.

Ao nosso prezado amigo daqui lhe reiteramos os melhores agradecimentos por tudo quanto nos disse e pela forma como nos acolheu.

O Campeonato Nacional da II Divisão serviu de t-ma para o começo das perguntas. Após brilhante dissertação sobre o assunto, podemos informar que o presidente da A. F. L. sintetiza o seu pensamento desta forma:

— A Federação Portuguesa de Futebol, consulto a Associação sobre o novo regulamento a vigorar na temporada que se inicia no mês próximo, posteriormente à publicação das suas bases na Imprensa, visto que deu entrada na secretaria da A. F. L. no pretérito dia 8.

«O novo regulamento prevê para a zona C, constituída por Lisboa e Setúbal, um grupo de onze clubes, sendo quatro de Lisboa e oito de Setúbal»

Proseguindo:

— A desproporção é excessiva, tanto mais quanto é certo que as deslocções àquela cidade devem dar sempre prejuízo. A revogação para e simples do artigo 28.º do Regulamento do Campeonato Nacional, deixou aos clubes a resolução de um grave problema, porque têm de suportar integralmente as despesas de deslocção.

«A A. F. L. insiste pela inclusão na prova, do Palmense, que é o segundo classificado da I Divisão do regional e tem, consequentemen-

te, mais direitos para participar no Nacional da II Divisão do que o S. L. X. L., classificado em terceiro lugar no regional da I Divisão de Setúbal».

Continuando a apreciar o Regulamento, disse-nos ainda:

— Pelo novo regulamento, no final da próxima temporada deverão sair três clubes da II Divisão do regional antecipadamente condenada a prosseguir, depois, só com dez clubes!

«A A. F. L. pede para que de futuro a prova se mantenha com doze clubes, pois é altamente prejudicial para o futebol, obrigar os clubes a mudar constantemente de Divisão»

— Quanto ao ingresso no Nacional da I Divisão? — inquirimos.

A resposta foi rápida.

— Também o regulamento prevê o apuramento, apenas, do primeiro classificado para disputar, em campo, o ingresso na I Divisão do Nacional e a A. F. L. entende que o Campeonato deve classificar dois, subindo o primeiro automaticamente e disputando o segundo classificado, em campo, a subida da Divisão.

— A disputa da «Taça Portuguesa...»

— Quanto a esta prova — atalhou — cuja disputa na época próxima é muito duvidosa, a A. F. L. defende a sua supressão definitiva ou a remodelação profunda dos moldes que regem a sua disputa, visto que, da forma como está regulamentada, não interessa a ninguém.

Sobre o panorama geral do futebol, tem o seguinte desabafo:

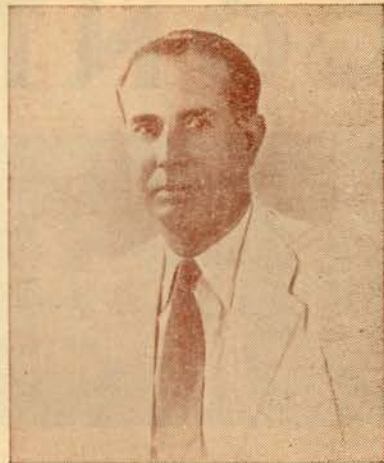
— O mal reside em viver-se com regulamentos de pouca duração, grandemente alterados e remodelados quase todos os anos!

Subemos que, a A. F. L. está convidada oficialmente para colaborar nos trabalhos preparatórios do Congresso federativo e que, com esse fim, se vai realizar na terça-feira, 23, na sua sede, uma reunião de todos os clubes de Lisboa para tratar do assunto.

O dr. Mário de Oliveira, ilustre presidente do Congresso, está trabalhando afinadamente no sentido de que a reunião migra, com vista ao regresso à normalidade, se efectue no final deste ano.

Quanto à actividade dos clubes lisboetas, nas várias provas que constam do calendário da A. F. L., exceptuando o torneio reservado às primeiras categorias e que durará os cinco domingos concedidos pela Federação, está ainda em estudo a sua efectivação, tanto mais que a constituição da III Divisão, está dependente da forma como for feita a arrumação definitiva do Campeonato Nacional da II Divisão. O regional de juniores será disputado de forma idêntica ao da época finda. Rumámos para a situação dos clubes, a briga com sérias dificuldades por falta de receitas — alguns dizem em condições bastante angustiosas — e que se mantém ainda, galhardamente de pé, mercê da bolsa generosa de alguns «scarolões».

— A situação financeira dos clubes no distrito de Lisboa, meu amigo, — declarou-nos — é muito má desde os «grandes» até aos mais «pequenos», tornando-se urgentíssimo encarar este importante e primordial problema para lhe encontrar a solução. Isto quanto a Lisboa, centro populoso e onde predominam os aficionados da bola! Por esse país fora, a gravidade do problema é mais ingente. Daí o haver necessidade de o encarar de frente para não termos surpresas desagradáveis e dolorosas,



Dr. Campos Figueira, presidente da Associação de Futebol de Lisboa

para não termos que assistir ao desmoronamento de tanto esforço, dedicação e canseira produzidos generosamente durante largos anos, ao serviço do desporto!

Em reforço destas afirmações, — que não nos surpreenderam, — exclamou:

— A supressão do artigo 28.º do Regulamento do Campeonato Nacional, veio demonstrar de forma iniludível, que o erário federativo está exaustão!

«Se o futebol que movimentava tantos milhares de contos, não rende o suficiente para manter os clubes e os seus organismos superiores, é porque há um erro manifesto na orgânica vigente, que deve ser revista!»

A propósito, — elucidou-nos, — foi posta de parte pela A. F. L. a efectivação dos encontros entre-cidades, porque o interesse é diminuto e, sobretudo, porque os resultados financeiros são confrangeadoramente desanimadores.

Deixámos, seguidamente, para a existência de inúmeros agrupamentos desportivos, com reduzida massa associativa e cujo contributo para o futebol teria que ser manifestamente diminuto dadas as exíguas condições de vida.

— Vou dar-lhe a minha opinião pessoal, — disse-nos, — apresentando-a como despretensiosa sugestão. Não seria possível confiar à orientação, preparação e subsídio financeiro dos grandes clubes, alguns de segunda ou terceira categoria em importância, para fazer deles viveiros de jogadores, em moldes notáveis e com orientação criteriosa e atinente ao fim pretendido?

O distinto presidente do A. F. L. asseverou-nos, pouco depois, ao abordar os pesados encargos que oneram as organizações:

— A A. F. L. entregou ao sr. Ministro das Finanças uma exposição, que mereceu o patrocínio da F. P. F., no sentido de serem diminuídos os encargos tributários, designadamente nos jogos de pequenos rendimentos. Aguarda serenamente a comunicação do despa ho que sobre a mesma recair, que espere seja justo.

Inquirido se concordava ou não, com a disposição legal que fixa a idade para os jogadores da categoria de «juniores», elucidou-nos prontamente:

— A A. F. L. entende que o limite mínimo da idade fixada para os jogadores juniores deve ser diminuído e o ideal seria até que a admissão dos jogadores nessa categoria, fosse condicionada, apenas, pelo exame de anti-doping física.

Já importunáramos em demasia e, portanto, impunha-se dar por finda a entrevista. Ha-

O ATENEU

é campeão nacional da II Divisão

O movimento de treinadores foi esta época complicado. Houve surpresas.

Assim, Alexandre Peix passou do Almada para o Sporting depois de se dizer que ficaria no Belenense. Ao que parece, isso não tira nem põe à situação de Cândido de Oliveira no clube leonino; este passará de treinador a orientador.

Alfredo V. L. das passou do Vitória de Guimarães para o S. Ligeiros; James Biri deixou o Estoril Praia, ingressando no Vitória de Guimarães; Joseph Szabo deixa o Portimonense, hesitando entre as propostas de dois clubes, Sporting e Oriental, para se decidir por este último — filial à palavra dada.

Mariano Amaro ingressou no Elvas, e Alvaro Cardoso na Cuf do Barreiro. Ambos na qualidade de treinador, e como estrela.

Gregório foi para os Ferrovias do Entonamento, e Eduardo Augusto treina o Futebol Clube de Avintes.

Francisco Ferreira e Félix já legalizaram a sua situação pelo Benfica. Chegaram a correr várias notícias sobre o assunto, aliás, não confirmadas.

Sabe-se até que Francisco Ferreira exercera o cargo de «adjunto» do treinador inglês Ted Smith — meio caminho andado para treinador oficial.

via que formulou mais uma pergunta, mas qual?

O nosso interlocutor, filavamos prescruadoramente, — enquanto acendiamos um cigarro, — na expectativa do que lhe solicitaríamos.

— O dr. é partidário da introdução do profissionalismo em Portugal? — atirámos de súbito.

Com um sorriso, a resposta chegou-nos sem a menor hesitação, como se já esperasse a pergunta.

— Pessoalmente, considero o profissionalismo absolutamente inviável e inadapável em Portugal. Uma das objecções principais, para mim, reside no facto de que sendo o profissionalismo a aquisição de condições especiais de trabalho para uma vida inteira, na qual a reforma se segue à actividade no futebol, os jogadores têm que abandonar a sua prática a menos de metade do caminho da sua vida normal.

«Financeiramente o futebol em Portugal não rende o suficiente para manter clubes e jogadores de amadores, com dirigentes que trabalham por amor à arte e subsidiam com o seu próprio dinheiro as agremiações. Como poderá essa mesma modalidade obter os lucros necessários para manter clubes e jogadores profissionais?»

E a concluir o seu pensamento: — Considero também desumano tornar profissionais, atletas que seriam abandonados por volta dos 30 anos e socialmente perigosos pagar-lhes, mesmo que possível fosse, uma reforma que começaria nessa idade para se prolongar até aos 60 ou 70 anos!

A cerca de jogadores diz-se muita coisa mas pouco se confirma. Não há nenhuma transferência de vulto. Pelo menos, por enquanto.

As mais interessantes são as seguintes:

Rola, do Clube Desportivo de Estarreja, para o Sporting (vários clubes entre os quais o Belenense e o Porto pretendiam o jogador);

Elisário, do Oriental, para o Sporting (sabe-se que o Benfica tentou até à última hora a aquisição deste jogador); Teixeira da Silva, do Sporting da Colilha para o Atlético; Rodrigues, da Sanjoanense, para o Atlético; Juca e Wilson, do Desportivo de Lourenço Marques para o Sporting.

Há vários pedidos de transferência na Federação, mas neles não aparece nenhum nome conhecido.

Estão indicadas duas datas para festas de homenagem. A primeira a 1 de Setembro, como homenagem a Francisco Baptista, com um desafio entre Benfica e Belenense.

Francisco Baptista vai para Lourenço Marques, dando um novo nome à sua vida. Foi um jogador valeroso, de recursos, muito enérgico, que chegou a ocupar um lugar de destaque. Fez parte da famosa selecção dos Novos que empatou com a Selecção Nacional nas Salésias.

Também Fernando Pryroteo, um grande nome do futebol português, fará a sua despedida em 5 de Outubro, com um programa em relação com a sua altura como jogador.

A direcção da Associação de Futebol de Lisboa reuniu-se ontem com os presidentes dos clubes para (r.c.) de impressões e indicação de nomes para a direcção da Federação. Há, segundo se diz, vários candidatos, e a escolha talvez se torne um pouco difícil.

Diz-se que o Congresso se reunirá em Janeiro. Mal se concebe que assim seja. Se já está resolvido o regresso à normalidade, parecemos de toda a conveniência que a referida assembleia geral tivesse lugar o mais depressa possível, a fim dos nossos dirigentes não encontrarem já obra começada, o que poderá ter relevância para toda a época.

Com respeito aos desafios internacionais está definitivamente assente a efectivação do Portugal-Inglaterra no Estádio Nacional.

Sem dúvida, os ingleses foram muito amáveis, dando uma prova de alta consideração para o nosso país. Há agora a oportunidade de rectificar os 10 0 em dia calamitoso.

O nosso país também deve jogar contra a Espanha por duas vezes com vistas ao Campeonato do Mundo, mas, de qualquer modo, sabe-se que o país vencedor tomará parte numa das «poules» mundiais no Brasil, por deliberação da F. I. F. A. a instâncias do Brasil.

O campeonato nacional da 2.ª Divisão, ao qual concorreram os representantes das Associações de Li. bo. s, Porto

e Portalegre, concluiu no domingo com a justa vitória do Ateneu Comercial de Lisboa, que derrotou os seus três adversários da fase final: Estoril Praia, Académica de Espinho e S. Roque da Lama, classificados por esta ordem, em igualdade de pontos.

Como no campeonato da divisão principal se fizeram representar também as Associações do Funchal e de Coimbra, regista-se com agrado que todas as Associações distritais filiadas tomaram parte nos torneios federativos.

O comportamento da equipa «Académica» neste campeonato foi brilhante e valorizada pelas boas exibições de Sá Vieira, o seu melhor elemento.

Numa das sessões do campeonato efectuou-se o encontro entre as selecções de Lisboa e do Funchal, vencendo a primeira em três partidas. O jogo teve fases muito animadas, mas o grupo madeirense mostrou imper-

feito entendimento entre os seus componentes. Preferimos-lhe o grupo do Nacional.

Indivualmente foi Carlos Ferreira o melhor homem em campo, poderoso a rematar, muito atento e rápido a defender.

Como as provas de júniores só estão anunciadas para fins de Outubro, entremos agora num período de dois meses de repouso nas competições oficiais, embora se fale, para já, numa visita da selecção de Lisboa, formada à base do Sporting — o que nos parece arriscado — à ilha da Madeira.

Findas estas férias, o voleibol reatrá a sua actividade progressiva, contando mais com a colaboração dos clubes açoreanos, pujante manancial de fortes jogadores, cujos serviços nos podem ser preciosos para a eventualidade de se celebrar em Portugal, em 1950, o segundo campeonato do Mundo de voleibol, conforme é proposto ao congresso de Praga pelo Conselho Director da Federação Internacional.

JOSÉ DE EÇA

«14.ª Volta dos Campeões» na Figueira da Foz



Na Figueira da Foz disputou-se com grande êxito perante milhares de pessoas a 14.ª Volta dos Campeões, concorrendo 22 ciclistas em representação de todos os clubes da especialidade, exceptuando o F. C. do Porto e o Académico. Venceu o italiano Fazio, do Sporting. As nossas fotografias representam o momento da partida, e o vencedor após a chegada



Alberto Azinhais dos Santos

fala-nos dos nadadores estorilistas e da temporada em curso

COM seu nome há muito tempo firmado na natação portuguesa, Alberto Azinhais dos Santos — actual treinador do Estoril-Praia — não carece de larga apresentação. Nadador dos mais valorosos e completos que já tivemos, excelente jogador de «water-polo» — muitas das suas exhibições como avançado centro do «sete» de honra do S. A. D. não esquecem facilmente — recordista dos 50 metros-livres aos 8 quilómetros da Travessia de Lisboa, a sua figura de grande campeão preencheu, sem dúvida alguma, com grande brilhantismo, toda uma época da natação portuguesa.

Treinador dos mais competentes — das suas mãos têm saído, em anos sucessivos, campeões da maior nomeada — vivendo com gosto e paixão todos os aspectos da sua profissão, tendo tido oportunidade, além disso, de apreciar os melhores nadadores de todo o mundo, quer nos Campeonatos da Europa, quer nos Jogos Olímpicos de Londres, Azinhais dos Santos possui bagagem técnica da melhor qualidade.

Quando, há dias, estivemos na acolhedora piscina do Hotel Parque, não nos movia o intento de uma entrevista. Conversámos, sim, demoradamente com Azinhais dos Santos, em amena palestra. Todavia, dado que alguns pontos da nossa conversa versaram problemas actuais da natação portuguesa, e outros, propriamente, acerca dos nadadores do Estoril-Praia, treinados por Azinhais dos Santos, com eles decidimos compor as linhas que se seguem.

No Estoril há boa matéria prima

Apesar das condições de localização da piscina do Estoril não serem das mais propícias a conseguir reunir numerosa massa de nadadores e a despeito, também, de vários elementos de largo futuro, como por exemplo, José de Almeida Figueiredo, terem sido forçados a ausentar-se, a verdade é que o Estoril dispõe de um lote numeroso de nadadores jovens — matéria prima da melhor — do qual poderão sair verdadeiros campeões.

Azinhais dos Santos enumera alguns deles:

— João Augusto Domingues, campeão regional de 100 metros-livres, iniciados, com 1 m. 18 s.; Vasco da Silva Ribeiro, também iniciado, campeão regional dos 100 metros-brucos, com 1 m. 32,4 s.; Rui Robim Marques, Luís Gomes da Costa, Manuel Figueiredo, Carlos Desmet; José Veiga Ventura, Eduardo Franco Madeira, Pedro Ramos de Almeida, Luís Marques do Carmo, este um junior de excelentes qualidades, segundo classificado nos 400 e 1.500 metros-livres dos campeonatos regionais.

— Além disso — continua Azi-

nhaiz — não podemos esquecer os consagrados: Artur Mendes Silva, B. Imiro Santos, Rogério Fragata, Carlos Campanela, Francisco Salgado, Luís Soares de Oliveira — um «internacional» de largo futuro, agora, infelizmente, afastado da modalidade — e, bem assim, as campeãs Odete Maria Nobre, Maria Fernanda Ferreira e Vera Pereira Cabral.

A temporada em curso e a Travessia de Lisboa

Falámos, depois, acerca da presente temporada. Azinhais dos Santos referiu-se agradavelmente à regular sequência verificada na realização das provas, sintoma, portanto, de boa organização, afirmando no entanto:

— Mas, continua a verificar-se reduzida quantidade de nadadores. Se, é certo, que no aspecto qualitativo tem havido progresso consolador — alguns dos recordes recentemente batidos são disso prova eloquente — continuamos a não poder dispôr de uma base de recrutamento suficientemente ampla que possa garantir, por exemplo, sem preocupações, a indispensável renovação de valores.

— Há poucos clubes que se dedicuem à natação, atalhámos.

— Sim. E principalmente poucas piscinas. O problema da quantidade de nadadores e o das piscinas — continua Azinhais — são, no fundo, um só problema. A natação portuguesa só poderá atingir aquela classe que todos nós desejamos, no dia em que dispuzer de piscinas em número suficiente.

A conversa derivou, depois, para as diferentes organizações deste ano. E, como não podia deixar de ser, falou-se na Pequena Travessia de Lisboa, na qual, aliás, Azinhais participou entusiasticamente.

O treinador do Estoril-Praia declarou-nos:

— Para mim, até à data, a nota mais agradável da temporada forneceu-a a Pequena Travessia de Lisboa, prova que tive a alegria de ganhar quatro vezes. Além da sua manifesta utilidade como prova de propaganda de características únicas, a Travessia tem o condão de proporcionar a certos nadadores que, ou já não podem brilhar em provas de piscina, ou então, cujas características se adaptam melhor a corridas de rio, excelente oportunidade de marcarem uma posição interessante. Foi o caso, entre outros, de Manuel da Fonseca.

Coimbra e a sua piscina municipal

Nas vésperas dos Campeonatos Nacionais a disputar em Coimbra, era lógico que falássemos da natação coimbricense. Azinhais,



Alberto Azinhais dos Santos

que sempre a acompanhou de perto, diz-nos:

— Coimbra tem hoje realizada, finalmente, a sua maior aspiração: uma piscina de dimensões regulamentares. E, dado que se trata de um meio onde sempre reinou invulgar entusiasmo, é naturalíssimo que a natação tenha em Coimbra, dentro de alguns anos, um fortíssimo núcleo. Há, no entanto, um problema que deve ser cuidadosamente encarado: o dos orientadores técnicos. Trata-se, realmente, de um pro-

blema fundamental que merecerá, por certo, a melhor atenção dos dirigentes coimbricenses.

E numa transição:

— Já que falámos em orientadores técnicos, deixe-me dizer-lhe que seria da maior conveniência que todos aqueles que se dedicam ao ensino da natação ou exercem funções de carácter técnico, estivessem presentes nas grandes reuniões internacionais, nos campeonatos europeus, nos Jogos Olímpicos. É aí, em contacto com os grandes «fenómenos» que se aprende. Não basta, realmente, a teoria, o estudo. É preciso ver em acção os grandes campeões e recordistas mundiais, homens que, por vezes, não estão dentro dos moldes clássicos, mas que souberam adaptar uma forma de nadar às suas condições físicas. E o «estilo-pessoal» dos grandes campeões é, quasi sempre, uma surpresa.

A vinda do P. U. C. — excelente iniciativa

Outro ponto da nossa conversa com Azinhais dos Santos: a próxima vinda a Portugal da forte equipa do Paris Université Club que deverá realizar, possivelmente, dois festivais em Coimbra e dois em Lisboa.

O antigo campeão e recordista dos 1.500 metros-livres declarou-nos:

— Foi, realmente, uma oportunidade excelentemente aproveitada. Os nadadores portugueses podem lucrar muitíssimo com a realização desses encontros e, uma vez que a iniciativa se estende, também, a Coimbra, o benefício é duplo. A vinda das nadadoras é, também, pormenor importantíssimo. Só desejo uma coisa: que as nossas lhe sigam o exemplo...

ABREU TORRES

UM GRUPO ESCOLAR



No Liceu Nacional de Ponta Delgada há um grupo de futebol — um grupo de rapazes cheios de genica e de entusiasmo pelo popular jogo.

A formação do «team» é a seguinte: No primeiro plano, da esquerda para a direita: António Cymbron, Stelvio Alves, João Jacinto, Jorge S. Bento e João Aguiar.

No segundo plano: Luís Manuel, Araújo Correia, Bonerges Raposo (capitão), Horácio Sousa, Mário C. Pereira e João Carvalho.



O sinal de partida acaba de ser dado e a caravana rompe para a frente com ruído e fracasso

OS GRANDES ESPECTÁCULOS

As corridas de automóveis

**são competições arriscadas
mas por vezes monótonas**

Amassada na tribuna principal ou dispersa ao longo das vedações de sacas que acompanham o traçado, a multidão conjuga os cinco sentidos para analisar os preparativos da corrida.

As fontes e o pulso latejam mais forte, sob o impulso da onda sanguínea. O momento é de ansiedade, como nas caçadas africanas, quando a fera está prestes a surgir entre a folhagem do mato.

Mentalmente, cada espectador escolheu antecipadamente um favorito, entre todos os concorrentes — mesmo se forem estrangeiros e desconhecidos.

Esguios, esbeltos e simples, os veículos parecem brinquedos de

feira, mas brinquedos com guelras que rugem trovões. Agora, nos estaleiros de reparação dispostos em face das tribunas — ou *stands* — os mecânicos desenvolvem actividades febris, nos retoques da afinação derradeira.

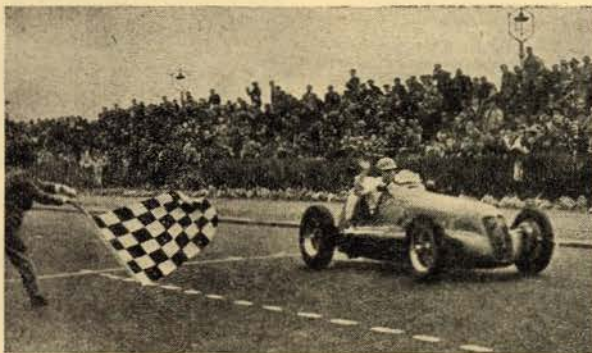
O que ali vai de sobressalentes! Desde rodas completas, às peças de menor tamanho, há de tudo, aos montões. Noutra lugar, jazem as latas de gasolina e óleo, os funis e as ferramentas. Aquela confusão promíscua é mais aparente que real — como nas secretárias dos maridos, que as esposas, teimam em arrumar a seu modo!

Às vezes, as senhoras acompanham os homens nessa peregrinação de tortura. Por coisa alguma, a linda esposa do italiano Pagani — volante da Scuderia Ferrari — consentiria em ficar sossegadamente em casa, aguardando o resultado. Sentada junto da figura mascote ela anota os tempos do cronómetro, com o rigor de um técnico veterano.

A expressão do rosto é serena. Faz recordar as telas desse pintor de madonas, Rafael, que os amadores de arte disputam a peso de ouro, há quatro séculos. Mas, quem sabe das angústias por que passa o seu coração de esposa e mulher, e que só ela sente mas não exterioriza?



Madame Pagani parece ter o pensamento num mundo calmo e distante



O vencedor acaba de transpôr a meta e saúda o juiz com a mão, como prova de alegria

Tal como o domador de tigres a quem a esposa, em casa, bate o pé e domina, o veículo-projectil tem o seu lado ridículo.

Para alinhar junto do risco de largada, torna-se necessário o concurso dos braços humanos, empurrando à força de músculos os bólides que se deixam levar dócilmente.

Escondidos atrás de visores deminutos, tendo sobre os olhos e na cabeça, óculos desmedidos, capacetes redondos e disformes, os condutores fazem lembrar imagens folhetinescas dos habitantes de Marte.

Agora o juiz de partida deu sinal, baixando a bandeira quadriculada em xadrez, e pouco a pouco sube no ar o rugido das feras, arrancando sobre a pressa, à carga. Depois, atingida a nota mais alta e mais aguda o som decrecece e só se ouve ao longe o zumbido de enxame, dos veículos ao longe.

O espectador tem tempo de acender o cigarro. Ainda o não saboreou e já ouve atrás de si o silvo do projectil que avança, todo disforme e alongado, numa distorsão aparente que a velocidade impõe à vista.

Mesmo para o espectador profano aquela vertigem é dominadora. O ruído sonoro dos escapes é melodia harmoniosa para o ouvido sensível dos mecânicos. Diz-lhes se o motor tem as aurículas e os ventrículos em excelência ou deficiência, não sendo poucas nem raras as desistências forçadas.

Entretanto a corrida torna-se monótona. Não fora o quadro das classificações seria um problema adivinhar quem segue na frente. A luta ombro a ombro, como nas provas pedestres é rara — e bem mais perigosa.

Por fim, ao cabo de voltas e mais voltas o juiz baixa a bandeira para assinalar o vencedor, enquanto os ajudantes pulam de alegria e os rivais ficam silenciosos ou protestam contra irregularidades imaginárias.

E o pano desce, como no palco, sobre o espectáculo.

O DECATLO NACIONAL

e o recorde de Joaquim Branco



Eduardo Cunha, segundo classificado no decatlo na tonal, na prova do lançamento do dardo

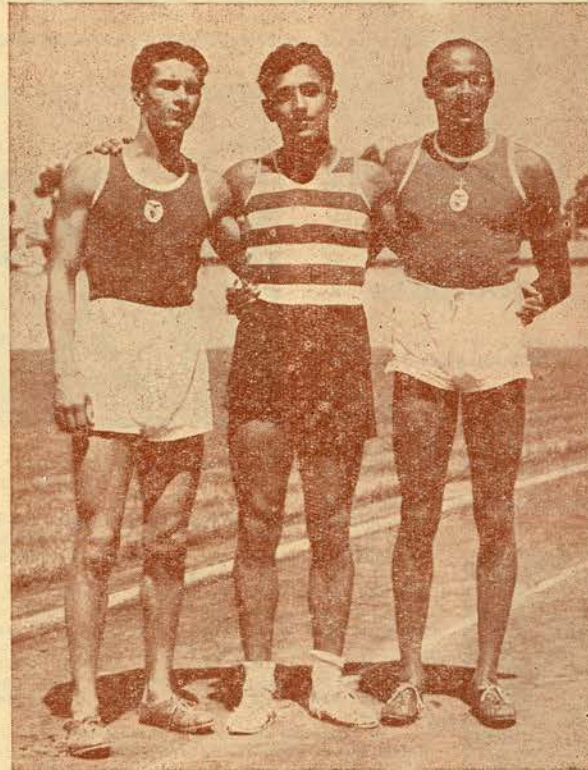
NO sábado e domingo, na pista do Lumiar, realizaram-se as provas do Decatlo nacional, nas quais participaram três concorrentes, sendo um apenas, Matos Fernandes, atleta com categoria para tais cometimentos.

Esperava-se que o valoroso benfiquista, cuja boa forma se evidenciava nos últimos campeonatos, melhorasse consideravelmente a sua marca recorde, mas assim não sucedeu por manifesta infelicidade de Matos Fernandes, que falhou a prova de lançamento do disco (as duas primeiras tentativas anuladas) e perdeu aí cerca de 150 pontos.

A soma da pontuação conferida aos seus dez resultados é de 6210 (recorde estabelecido em 1948: 6294 p.); com a remessa os números e a nossa anterior conclusão impõe-se.

O nosso atleta mais completo melhorou este ano apreciavelmente três marcas: 1^m, 80 em altura (1^m, 75 na época passada); 16 s. nas barreiras (contra 16,6 s.) e 4 m. 37 s. nos 1500 metros.

Os três concorrentes deste ano ao decatlo. Da esquerda para a direita: Miguel Andrade, Eduardo Cunha e Matos Fernandes



(mais 2 s. em 1948); igualou a dos 100 metros, 11 1/2 s. e pouco avançou na dos 400 metros: 52,4 s. contra 52,5 s., devendo notar-se que em 7 do corrente percorreu a distância em 50,4 s.

Nos restantes concursos, as marcas foram inferiores: 6^m 66 em comprimento, contra 6^m 83; peso a 10^m 83, contra 10^m 85; disco a 27^m 02, contra 33^m 38; 2^m 85 com a vara, em vez de 2^m 90; dardo a 43^m 61 contra 45^m, 27.

Em resumo: ganhou 78 p. nas barreiras, 59 p. na altura, 4 1/2 p. nos 1500 metros e 5 p. nos 400 metros; mas perdeu 159 p. com o disco, 35 p. no comprimento (já esta época, em Madrid, atineira 6^m, 81), 28 p. com o dardo, 18 p. com a vara e 1 p. com o peso.

Na segunda jornada, no intervalo entre duas provas, o corredor benfiquense Joaquim Branco, aproveitando a sua excelente forma, tentou e conseguiu melhorar o recorde nacional dos 2000 metros, na posse de Francisco Bastos, com 5 m. 47,6 s.

Branco percorreu a distância em 5 m. 39,4 s., com os seguintes tempos de marcha, tomados a cada 500 metros: os primeiros em 1 m. 23,4 s., os segundos em 1 m. 24,6 s., os terceiros em 1 m. 28 s. e os últimos em 1 m. 23,4 s.

A marca de Joaquim Branco corresponde a 871 p. finlandeses, ou seja, o quilómetro em 2 m. 32,4 s. e os 1500 metros em 4 m. 43,5 s.

SALAZAR CARREIRA

Começou a época na Inglaterra



Abriu a época de futebol na Inglaterra, começando a disputar-se o respectivo Campeonato. Na primeira jornada, em Highbury, o Burnly bateu o Arsenal por um-zero. Publicamos uma bela fase do encontro — o momento em que decidiu o pleito! — quando Morris, interior-direito do Burnly marcou, sem desfeza possível, o golo da vitória



Matos Fernandes na prova do salto à vara do decatlo

NATAÇÃO

3 novos recordes e 4 festivais



DA esquerda para a direita: *Fernando Esteves Madeira, brilhante vencedor dos 1.500 metros-livres* — As duas concorrentes à obra de 200 metros-bruços, senhoras: *Fernanda da Silveira Cunha* — que baixou para 3 m. 42 s., o respectivo recorde na categoria principiantes — e *Maria Luísa Araújo*. A direita. — *Eduardo Murta Barbeiro, excelente vencedor dos 200 metros-livres*



A semana finda foi de intensa actividade natatória. Quatro festivais de características diferentes ficaram a assinalá-la da melhor maneira. A natção teve, assim, em vários sectores, larga movimentação. Vejamos.

Na quinta-feira à noite, realizou-se um animado festival na piscina do Alhandra, agora com instalação eléctrica. Não pudemos, por dificuldades de transporte, estar presentes na velada do popular clube alhandrense. Mas podemos informar que estiveram em actividade 89 nadadores e que o festival foi presenciado por numerosíssimo público, a demonstrar que na simpática vila não falta matéria prima e ambiente compreensivo. Ao festival assistiram entidades oficiais e personalidades de relevo na região.

A mesma hora, disputavam-se no estádio náutico de Algés, os campeonatos da F. N. A. T. entre agrupamentos da zona de Lisboa, com vista aos Campeonatos Nacionais Corporativos. Nas provas individuais, entre outros, distinguiram-se: Artur Mendes Silva, Armando Rodrigues, António Carvalho, Joaquim Roque, João de Sousa Rêinhos, Guilherme Patroni, Abel de Abreu, João Vicente Faria e Manuel Dinho.

No sábado, o Clube Nacional de Nataçã, proseguindo no seu programma de festas do 30.º aniversário, organizou um festival na sua piscina, dotado com a taça «Brigadeiro França Dória», com o concurso do Pedrouços, Adiciense, Sporting e «Os Belenenses».

Foi, sem sombra de dúvida, dentro das suas características, uma bela reunião, já pelo aultado número de nadadores presentes — já pelo número público que ocorreu ao Parque de S. Bento.

Podemos salientar em síntese, os nomes de Armando de Oliveira, Bernardo Silva, Albertino Agudo, Lúcio Paulo, Cibral da Silva, Arnaldo Santiago e Jorge Baptista, entre os melhores intervenientes do festival do C. N. N.

Ao fim e ao cabo o Nacional conquistou o troféu em disputa, somando 74 pontos, seguido do Pedrouços (49,5), Adiciense (30,5) Sporting (24) e «Os Belenenses» (9).

DOMINGO último, a F. P. N. organizou na piscina do S. A. D. um festival de preparação com vista aos próximos Campeonatos Nacionais e visita do Paris University Club.

Antes de mais, há naturalmente que pôr em relevo a queda de três recordes nacionais, dois da categoria de «principiantes» e um da de «iniciados».

A equipa do S. A. D. formada por José Inácio Borja (1 m. 16 s.), Eduardo Murta Barbeiro (1 m. 22 s.) e Fernando Madeira (1 m. 5 s.), baixou para 3 m. 43 s., o recorde da estafeta de 3+100 metros-estilo, principiantes. O anterior recorde, 3 m. 45,4 s., havia sido estabelecido



Maria Luísa Malheiro da Silva, gentil iniciada do Algés, que fixou em 1 m. 25,8 s. o recorde dos 100 metros-livres

por Val, Rodrigues e Patroni, em 28 7 46.

Fernanda da Silva Cunha, do S. A. D., em magnífica «forma», apossou-se do recorde dos 200 metros-bruços, principiantes, com o belo tempo de 3 m. 42,2 s. O anterior pertencia a Rosa Lopes, do A. C. P., com 3 m. 49 s., e havia sido estabelecido em Alhandra, no dia 11 de Julho de 1943.

Por seu turno, a esperanças Maria Luísa Malheiro da Silva, voltou a baixar o recorde dos 100 metros-livres, iniciados, melhorando-o de 1 m. 27 s. — marca obtida recentemente nos Campeonatos Regionais — para 1 m. 25 8 s.

Estas, sem dúvida, as notas mais salientes do festival de domingo.

Nos 100 metros bruços, mariposa, verificou-se excelente vitória de Ezequiel Gamero das Neves (1 m. 27 4 s.), que venceu nitidamente Cristiano Luz (1 m. 31,8 s.)

Eduardo Murta Barbeiro, que já havia colaborado na queda do recorde acima mencionado, alcançou magnífica vitória nos 200 metros-livres (2 m. 35 5 s.), sendo também de assinalar os preciosos de Luís do Carmo (2 m. 38,7 s.) e Eurico Perdigão (2 m. 40 s.)

Franco do Vale, com evidente boa vontade, aplicou-se bem nos 100 metros-costas e obteve um bom tempo: 1 m. 13 8 s. Inácio Borja (1 m. 17,6 s.) e Eurico Surgey (1 m. 21,5 s.), nos lugares de honra.

Os 200 metros-bruços, dado o número de inscritos, obrigaram a duas séries. A melhor marca — 3 m. 15 5 s. — pertenceu de longe, ao estorilista Artur Mendes Silva. Antunes da Silva voltou a impressionar bem, com 3 m. 19 5 s. Belmiro Santos (3 m. 20 5 s.) dentro da sua bitola habitual. Arnaldo Santiago — o esperanças representante do Adiciense — com 3 m. 20 5 s. e Vasco Dias Pereira, com 3 m. 24 5 s., que na primeira parte da prova seguiu à frente, emprestaram à corrida boa animação.

Nos 1.500 metros-livres — prova incluída no programa especialmente para aquilatar a «forma» dos nadadores alhandrenses, que, aliás, não compareceram — verificou-se a vitória de Fernando Madeira que, em jeito de treino, cobriu o percurso em 23 m. 9 5 s. Annotemos os seus tempos intermédios: 100 metros — 1 m. 20 s.; 200 — 2 m. 51 s.; 300 — 4 m. 25 8 s.; 400 — 6 m. 1 s.; 500 — 7 m. 37 s.; 600 — 9 m. 14 2 s.; 700 — 10 m. 52 s.; 800 — 12 m. 27 6 s.; 900 — 14 m. 28 s.; 1.000 — 15 m. 35 5 s.; 1.100 — 17 m. 6 2 s.; 1.200 — 18 m. 40 s.; 1.300 — 20 m. 13 4 s.; 1.400 — 21 m. 45 s.

Os outros concorrentes ficaram longe. Luís do Carmo (24 m. 14 5 s.), Eurico Perdigão (24 m. 45 s.), Pereira Bastos (25 m. 14,3 s.)

Nas provas de iniciados distinguiram-se Vasco da Silva Ribeiro, João Manuel Cabrita e João Domingues. Nos 100 metros costas, senhoras, apenas Regina Lúcia Mendes, com 1 m. 44 5 s.

ABREU TORRES

QUATRO BARCOS PORTUGUESES

no Campeonato da Europa de «Stars»

VÃO a caminho de Monte Carlo, atravessando a Espanha e o sul da França, num percurso de 2.000 quilómetros, as quatro tripulações portuguesas concorrentes ao Campeonato da Europa de «stars»: Duarte Belo e José Bustorff no «Faneça» e Alberto Graça e João

pazes aceitaram as condições e lá foram em busca de novos êxitos para a vela nacional. Êxitos ou desluses encontrarão concerteza. Encontrarão também a certeza de terem cumprido o seu dever. E encontrarão ainda o verdadeiro significado da palavra desporto.

mente com Duarte Belo e José Bustorff o lote mais experimentado e de melhor classe, visto que os restantes seleccionados não oferecem ainda grande confiança por — aceite-se apenas uma razão — correrem há pouco tempo em «stars».

O campeonato realiza-se de 29 de Agosto a 4 de Setembro com a participação de quase todos os países da Europa ocidental. Inscreveram-se 43 concorrentes — mas nem todos devem comparecer. Pelo menos, de Portugal faltam dois.

Os mais fortes competidores representam a Itália — apontada como grande favorita do campeonato. A seguir àquele país temos: Holanda, Portugal, Suíça, França, Espanha, etc. Isto na hipótese dos espanhóis não seguirem o exemplo do último Campeonato Ibérico.

Segundo parece, Agostinho Straulino e Nicola Rode, excelente tripulação do «Polluce», da frota de Taranto não irão a Monte Carlo, mas sim a Chicago disputar o Campeonato do Mundo.

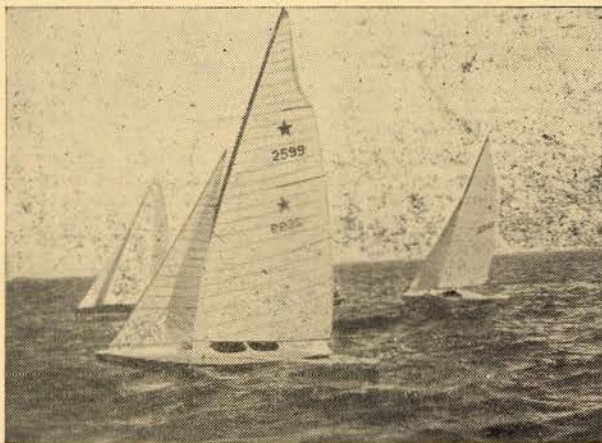
Sendo assim, podem-se apresentar como principais candidatos ao título: Roberto Ciapo-Carlo Rolandi, Tito Nordio-Luigi de Manincor e António Consentino-Alberto Morelli, italianos; A. J. Maas-E. Stutterheim, holandeses; Duarte Belo-José Bustorff, portugueses; e Jean Peytel-Roger Bernheim, franceses.

Em plano mais secundário podem apontar-se os irmãos Allende, de Espanha; os irmãos Auniac e Montant, de França; e Dario Salata-Lino Cattaneo, de Itália.

Quanto aos portugueses, uma vez que Mendonça e Fiúza não podem dar o seu concurso, há



Após uma regata do Campeonato Mundial, Duarte Belo troca impressões com o vencedor da competição



O «Faneça» (2599) quando disputou no ano passado o Campeonato Mundial de «stars»

Tito no «Má Lindo», ambos da frota de Cascais; Edgar Cruz e Vasco Pessoa no «Tejo», da frota de Vila Franca de Xira; e Mário Quina e António Alexiades, no «Douro», da frota de Lisboa.

Partiram no sábado, da capital, em quatro automóveis, levando a reboque «rollots» com as respectivas embarcações. Quer dizer, o «Faneça», o «Má Lindo», o «Tejo» e o «Douro» vão andar bastante tempo sobre a terra e oxalá que isso os não destreine...

Foram quatro, mas podiam ter ido seis tripulações — duas de cada frota — representar o País no Campeonato Europeu de «stars». Aqui convém esclarecer: a Federação Portuguesa de Vela facilitou a deslocação e prometeu auxiliar as despesas dos concorrentes que, aliás, vão por sua própria conta. Como desportistas puramente amadores, aqueles oito ra-

Não puderam deslocar-se a Monte Carlo, Joaquim Fiúza-Júlio Gourinho e Ernesto Mendonça-António Silva.

A representação nacional ficou assim desfaleada de duas boas tripulações. Formavam junta-

GRAVURAS
de Armeis & Moreno, Lda.
Travessa S. João da Praça, 38

A natação ressurgue

COIMBRA, a encantadora cidade do Mondego, a lusa Atenas, como também lhe chamam, por abrigar adentro dos seus muros a secular Universidade, vai, uma vez mais, presenciar as provas máximas da natação portuguesa. E o caso que à primeira vista poderia parecer banal, reveste-se, todavia, este ano de características especialíssimas.

E' que os nacionais de 1949 — a realizar no sábado e domingo próximos — vão ter por cenário a piscina municipal, recentemente inaugurada. Eles já não serão, pois, disputados na saudosa praia artificial do Mondego que foi, sem dúvida, uma bela iniciativa, mas que já não se compadece com as necessidades e exigências do nosso tempo.

Hoje, Coimbra possui uma piscina autêntica — formosa e acolhedora. Não tardará, pois, que a cidade dos doutores volte a ser o que foi: o segundo centro natatório do País. A terra que forneceu campeões e recordistas nacionais. O núcleo natatório que apresentou elementos como Luís Lopes da Conceição, Ilda Raposo, Natália Veiga, Manuel Gaspar, Luís Fidalgo, Manuel Soares, José Júlio de Almeida, Abílio Bastos, Luís Franco, Jaime Nascimento, Paulo Moura Relvas, Romãozinho, os irmãos Mota — para só falar nos mais representativos e nos mais dedicados.

A avaliar, quer pela actividade desenvolvida pelos clubes, quer pela respectiva Associação regional, quer ainda pelas notícias vindas a lume na imprensa local, fa-

cilmente se conclue que o entusiasmo que reina em Coimbra excede, logicamente, o verificado anteriormente em idênticas oportunidades.

Coimbra, ao presenciar nos próximos dias 27 e 28, os Campeonatos de Portugal de Natação, encontra, assim, uma oportunidade única para iniciar um verdadeiro período de recuperação, para intentar uma nova fase para a vida da sua natação que pode agora buscar novos rumos, dado que possui incomparavelmente melhores condições de trabalho.

A natação lusitana carece de bons núcleos na província. E Coimbra pode em grande parte remediar o mal. Oxalá o consiga. Para seu prestígio e da natação portuguesa.

ABREU TORRES

HENRIQUE PARREIRÃO

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coslho, 22-C

Tel. 30078

LISBOA

Numa carreira de emoções reduzidas, mas cumprindo magnífica acção, o cavalo argentino sagrou-se vencedor igualando o tempo recorde de Helium conseguido em 1936. — Tempo 184 3/5 para os 3.000 metros. Pista boa.

O Jockey Clube Brasileiro teve ontem o seu dia magno. Correu-se a mais reputada corrida de cavalos da América do Sul e aquela que tem maior dotação de prémio, O Grande Prémio Brasil. A parte social da festa teve a sua nota dominante. A policromia das toletes femininas nas pelouses e arquibancadas, notadamente na tribuna social era magnífica.

Este ano a festa porém diferiu um pouco dos anos anteriores. Contou com a presença do sr. presidente da Republica general Eurico Gaspar Dutra, que deessa forma quis prestigiar o turf brasileiro, assistindo à sua prova máxima

O que foi a corrida

Eram precisamente 16 e 15 quando os *crack*s entraram na pista. «Helico», um dos favoritos e bi-vencedor do Grande Prémio. «Jabutia», «Saravans», o outro favorito, «Carrasco», «Tiroleza», «Cida», «Multiple», «Eperlan», «Pettrilla», «Manguari», «Nimrod», «Teddy» e «Guaraze», seguiam-se-lhes.

A flamula vermelha do pavilhão de chegada subiu ao mastro às 16 e 25, quando as pedras acusaram o favorito, «Saravans», com 48.000 *poules*, num total de 186.000. Demorada a saída por inocuidade de alguns animais, notadamente do irlandês «Teddy». E a partida para os 14 parrelheiros somente foi dada depois do toque da sirene indicativo de saída a qualquer preço e como poder ser. De todas as bocas se ouviu o grito de «largaram!».

E ao indireitar o pelotão na recta, pôde-se perceber «Tiroleza» disputando, logo seguida por «Manguari». Vinham depois, «Cida», «Helico» e «Nimrod». E mais atrás quase em fila, «Guaraze», «Saravans», «Jabutia», «Carrasco» e outros. Na altura da curva do Hospital, a ordem começou a sofrer alterações. «Nimrod» regressou enquanto «Carrasco» se aproximava. Nos 1.200 metros «Carrasco» era quinto. E *crack* da coudelaria «Jabour» continuava a progredir. Nos 800 metros, «Manguari» havia dado por finda a sua missão e «Saravans» mais atrás desiludia. Já estavam na recta os primeiros e a corrida atingiu então proporções maiores. Vislumbra-se um final duro entre «Tiroleza» que não largava a ponta, «Cida», «Carrasco» e «Helico». Este porém ressentindo-se da dureza do terreno, mancou e deixou-se atrazar. «Cida» e «Tiroleza» continuavam disputando na ponta o primeiro lugar enquanto «Carrasco» bem sollicitado arrancava aos galões irresistíveis. Diante da nova tribuna do Jockey, «Carrasco» alcançava «Cida» e logo a seguir «Tiroleza» com quem emparelhou durante alguns metros para fugir irresistivelmente numa arrancada impressionante e livrando um corpo inteiro de luz cortar a meta final num alarde de valentia e ainda com sobras. Segundo a nossa cronometragem

CARTA DO BRASIL

Disputa do XVII Grande Prémio Brasil

com dotação de um milhão de cruzeiros

(Especial para «Stadium», do nosso redactor Candéias Alvarez)

os primeiros mil metros foram corridos em 62 s. tempo que manteve para o segundo quilómetro, fazendo 60 3/5 nos mil metros finais. Enquanto «Carrasco» era levado para a tribuna de honra sob vibrantes aplausos «Helico» e «Saravans» continuavam pelo caminho num esforço hercúleo para chegarem. Por informações colhidas o cavalo «Helico» terminou com esta prova a sua acção em pistas brasileiras devendo por estes dias ser recolhido ao haras para servir como reprodutor. «Carrasco» com Pierre Vaz

pagou Cr\$. 54,50 na ponta e formando dupla com «Tiroleza» (23) pagou 48 00. No placé pagaram ambos respectivamente Cr\$. 14 e 29,00.

O cavalo é de propriedade do sr. Jorge Jabour e Embaixador Oswald Aranha e é seu tratador Levy Ferreira um dos mais credenciados que existem no Brasil.

A quinta ronda do campeonato carioca

Vasco e Fluminense encabeçaram ontem a lista dos encontros

de futebol disputados na Capital Federal em disputa do título de campeão de 1949.

Como espectáculo em que pese a deficiência dos dois *teams* não poderia ter sido melhor. Movimentação a rodos, entusiasmo, apego à luta, dedicação patente pela camisa, tudo serviu para bailar com os nervos dos espectadores e dos próprios jogadores. *Placard* em constante alteração. Oito golos em noventa minutos de jogo. A sorte andou protegendo ora um ora outro, até que, inesperadamente, pendeu para o Vasco da Gama. Não que o Fluminense não fosse merecedor de outro resultado. Mas futebol é futebol. No momento em que ninguém esperava mais dos cruzmaltinos, eis que surge um *penalty* providencial, mas que para a sua marcação foi necessária a intervenção de Flávio Cofta, tal a disposição dos seus jogadores. Todos se escusavam à marcação não querendo

(Continua na página 14)

O Elvas e o Atlético empataram em pontos para o 9.º lugar da classificação final do Campeonato Nacional de Futebol da época de 1948-49. Vencedor na Tapadinha, por 3-1, os alcantarenses foram depois a Elvas sofrer uma severa punição: 7-0.

Em relação ao torneio anterior, o Elvas obteve agora menos 3 pontos e desceu um degrau na tabela de classificação geral; o Atlético prefere menos 5 pontos, e de 6.º, no ano passado, desceu ao 10.º posto, isto é, 4 lugares!

Uns sobem e outros descem...

«O Elvas»

Os elvenses perderam, este ano, o concurso do seu bom médio direito, Rebelo, que ingressou no Belenenses. Além disso, Massano — um dos melhores elementos do Elvas e portventura o segundo interior direito da Província — não actuou na sua melhor forma. A linha de ataque foi também renovada.

Satu o espanhol Rafa, entrou o jovem benfiquista Manuelito — um rapaz habilidoso que pode fazer carreira na turma elvenses...

No eixo do ataque, Patalino continua a ser a figura principal do campeão do Alentejo. Este ano conseguiu a sua almejada internacionalização no «team» A.

Pertence à equipa do Elvas um recorde, neste Campeonato: o de empates. Nada menos de 7! — tantos como as vitórias alcançadas.

Na totalidade, o Elvas obteve neste torneio 46 golos e sofreu 61. No Campeonato transacto, conseguiram saldo positivo de tentos (66-63). Confrontando estes números, verifica-se que a falha de rendimento pertenceu à linha atacante — isto é à produtora de golos!

Todos os avançados marcaram agora menos golos:

Patalino, 19 (23); J. Vieira, 9 (10); Massano, 4 (14); Savina 4; Oliveira e Manuelito, 3; Ferramenta, 2; Rafa e Sousa, 1 cada.

O Atlético

A baixa classificação do Atlético esteve à beira de um epílogo funesto para os desportistas de Alcântara e

A época de 1948-49 (7)

«O Elvas» e Atlético

Santo Amaro. Os jogos de passagem são muito contingentes e todos os clubes os temem.

Na derradeira jornada, o Atlético jogou uma cartada decisiva em Vila Real de Santo António — tal como a equipa local Os Iboetes triunfaram com merecimento, justificando a sua presença na Divisão Principal.

A quebra da equipa alcantarenses, nesta época, deve-se ao enfraquecimento da linha avançada, em virtude da deserção do seu rematador avançado-centro, Vitej e das ausências irregulares de Gregório e Rogério Simões.

Houve um elemento que se elevou à grande altura, despertando a atenção geral: Armando Carneiro. Teve este jogador um período em que suplantou todos os médios nacionais! Depois começou nos treinos da Selecção Nacional... e a sua forma baixou extraordinariamente. E como se se ressentindo dessa baixa, toda a equipa começou também a carburar mal. A sua passagem para o lugar de avançado-centro teve a virtude de movimentar o sector atacante, no qual só os extremos Martinho e Caninhas actuavam de modo satisfatório.

Apesar da enorme quantidade de golos sofridos (o penúltimo lugar a seguir ao Boavista!), não foi a defesa o pior compartimento do «conze».

Correia é um «génio»... quando está em maré de acerto, e Abreu é um jovem que está fazendo um bom lugar, como defesa esquerda.

O Atlético obteve 8 vitórias, 5 empates e 13 derrotas, no passo que na época anterior fizera a média de 50% dos pontos possíveis: 11 vitórias, 11 derrotas e 4 empates.

Os 44 golos foram obtidos pelos seguintes jogadores:

Martinho e Ben David, 8; Gregório, 7; Caninhas, José Lopes, Armando Carneiro, Barbosa e R. Simões, 3; A. Silva, 2; Barros e Nunes, um cada.

A Taça de Portugal

Ao contrário do Elvas, que foi eliminado logo na 1.ª jornada, pelo Académico de Viseu, o Atlético foi até à Final!

Venceu na Tapadinha, sucessivamente o Barreirense e o Famalicão, por 2-1, e o Lusitano por 6-2. Na meia-final ganhou na Covilhã por 5-0, e no jogo decisivo foi batido por 2-1, pelo Benfica.



CORREIA, guarda-redes do Atlético

Triunfará a verdade!

BEM queremos esquecer. Mas surgem novos elementos, e alguns tão curiosos, que não é possível deitar para o lado estes casos ligados à última «Volta».

Já não nos importa combater a opinião de pessoas que se impertigaram «terivelmente» com a inclusão de estrangeiros nas nossas equipas — só porque «as suas» não os utilizaram. Esqueceram num repente que a presença de Mário Fazio, Atilio Lambertini, Felix Bermudez, Clupio, Gueguen, Zanazzi e muitos mais valorizou de certo modo o nosso ciclismo, e que a apresentação de equipas compostas anexas por estes homens destruiria por completo o interesse do público, sempre apaixonado pelas vitórias ou derrotas de clubes como o Benfica, o Sporting ou o F. C. Porto. No entanto, deixemos isso. Deixemos mesmo que se discuta, como se discute, o facto de Lambertini não ganhar a «Volta» — por lhe não consentir o F. C. Porto. Esqueça-se também que na Itália, na França e na Suíça existem os «domésticos», homens talhados para auxiliar a vitória de corredores e grupos de fama... E Lambertini foi um desses «domésticos» e não veio a Portugal para ganhar a «Volta» — o que certamente faria se fosse inscrito por qualquer equipa do seu país ou se se apresentasse como individual. Pelo menos, assim, ganhou um português...

Neste comentário desejamos apenas dar o justo relevo a uma entrevista concedida por Gomes de Sousa, representante do F. C. do Porto na «Volta», ao nosso camarada Alves Teixeira. O dedicado director do clube vencedor da grande prova coloca as coisas no seu verdadeiro lugar, e a sua opinião confirma em absoluto o que temos dito nesta página. Pretendeu se fazer a divisão entre os atletas e o clube, mas não o conseguiram pelo menos totalmente. A verdade há-de triunfar!

Embora as nuvens pareçam carregadas, em certos meios, desmintate que o clube norte-hi fique atingido como queriam.

Afirma-o Gomes de Sousa:

«Gostaria que esclarecesse que aos corredores do F. C. do Porto nunca foi-lhe apelo. Mantido e se firme e igual para todos eles. Em determinada altura procurou-se especular quando não havia motivos para tal. Formosmos na caravana um todo indivisível. Interessava-nos que o clube ficasse bem colocado e ao serviço desse objectivo tínhamos de pôr um apoio a todos os concorrentes nossos, porque a vitória era de todos.

«Custar-nos ia imenso que palavras impensadas fossem mal compreendidas e que o nosso esforço dado lealmente pudesse ser adulterado.

«A' equipa não faltou nunca, fosse em que emergência fosse, aquela ajuda de que ela carecia».

Teve palavras de justa admiração para Lambertini. Porquê? Porque e te, estrangeiro, soube dar os exemplos que só se aprendem quando se faça parte da mesma equipa!

Gomes de Sousa disse:

«É um corredor admirável. Os estradistas estrangeiros têm uma noção diferente disto tudo. E são habituados às mais curiosas fases. Lambertini como profissional foi dedicadíssimo. Recordo-me que em determinada altura sem que fosse procurado a isso, nos procurou para dizer-nos que tudo havia de correr bem e que lhe revelássemos qualquer palavra a mais que possivelmente tivesse proferido no decorrer de qualquer etapa.

Os nossos corredores são mais nervosos, mais intempestivos. Por isso mesmo há que lhe desculpar algumas atitudes que assumem à chegada das etapas em que muitas vezes chegam ao exagero de repetir as manifestações de simpatia que lhe tributam.

Falta-lhes a experiência da própria desdita...»

Agora, sobre Dias Santos:

«O Dias Santos teve um acesso de nervos. Não assisti à cena, visto nesse momento vir no carro de apoio a Joaquim Costa e, por isso, atrasado, mas ao tomar conhecimento do caso, chamei-o à realidade observando-lhe que se a graça fosse repetida, um caminho lhe seria indicado, visto o F. C. P. não consentir que atleta seu, fosse de que modalidade fosse, andasse publicamente a dar mais espectáculos. Que sempre que tivesse motivos de queixa que apresentasse as suas razões, que seriam consideradas».

Aceitou a observação e prometeu não repetir a cena.

E para demonstrar que a luta foi sempre leal desejo registar duas atitudes na etapa Castelo Branco-Viseu que bem patentiam essa lealdade.

Antes da Covilhã um grupo formado por Martin, Fazio e Mourão, isolou-se do pelotão. Em sua perseguição foi Lambertini, que só teve uma preocupação: — segurar-lhe.

Dia a pouco, antes de Belmonte fugiu Fernando Moreira que, sem uma pedrada mais forte que denunciasse querer separar-se de alguém que na sua roda vinha, trouxe na longa encosta da Serra da Estrela — de Belmonte à Guarda — atrás de si, o seu companheiro Dias dos Santos até se juntarem aos tais fagitivos que o seu colega Lambertini tão bem segurara!

Gestos destes são eloquentes, quando não exista desejo de especulação dum acto impensado.

E foi perante estas atitudes que finalmente o acôrdo geral se deu em Viseu para sossego de todos!

Estas palavras de uma pessoa séria, correcta, verdadeiro desportista, devem ser ponderadas. Principalmente pelas pessoas que se fartaram de fazer suposições erradíssimas e audaciosas.

na capital do NORTE

Eleições na Federação Portuguesa de Futebol

Calculamos que alguma coisa se passa nesse sentido. E calculamos, evidentemente, que a Associação de Futebol do Porto não deixará de estar bem representada nos Congressos a convocar ou nas reuniões preparatórias.

Há uns anos, passaram pela gerência federativa alguns dos melhores nomes do desporto português, como os drs. Urgel Horta, Simpaio e Castro, Mário de Castro e Franklin Nunes; Manuel dos Santos, essa prestigiosa figura de tribuno, infelizmente já desaparecida, Laurindo e Joaquim Grijó, Mário de Carvalho, hoje delegado da Direcção Geral dos Desportos no Porto, Emilio Viterbo, Armando Simpaio, etc. Directores ou delegados da capital do Norte, souberam corresponder sempre à confiança neles depositada, defendendo o Porto em todas as emergências.

Os tempos mudaram. Se virmos de novo a Federação Portuguesa de Futebol entregue à Associação que a criaram, por certo continuará o Porto a manter com muita galhardia e dignidade o seu posto de combatente que nunca esmorece.

Muitos desportistas podem tomar sobre si a responsabilidade ou o encargo de conduzir as aspirações nortenhas até ao solar da Rua da Emenda, e um deles, Alberto Brito, reúne em boa verdade,

de, à sua volta, uma grande maioria de adeptos. Sem intuídos propaladores ou propósitos de propaganda eleitoral, que nunca tivemos e nem desejamos ter, mas única e simplesmente animados pelo desejo de impôr à consideração pública quem melhor sirva as aspirações desportivas do Porto, achamos que o nome honesto e inteligente de Alberto Brito está indicado como oportunidade e absoluta justiça.

Conhecendo o ambiente regional e nacional tratando por tu o desporto, tendo prestígio, competência, honestidade, Alberto Brito não precisa de se levantar no bico dos pés para ser visto. Nem de louvores que não solicita a ninguém. Mas para os que estimam o Porto, como nós, não importa que detractores do seu nome correcto procurem destruir a ideia de lho defender e colocar nos lugares de responsabilidade.

Itc., claro está, se tudo se passar como é nosso desejo na Federação Portuguesa de Futebol. Se as Associações forem chamadas, como tudo indica. Os problemas desportivos carecem de ser julgados por elementos de capacidade moral, e por esses nos batemos, contra tudo e contra todos — principalmente contra uma série de elementos que apenas vivem para perturbar a regular marcha de acontecimentos ligados à nossa esfera desportiva.

O aniversário da A. F. do Porto



A Associação de Futebol do Porto comemorou o seu 37.º aniversário — trinta e sete anos ao serviço do futebol, com uma digna actividade que tem dado prestígio ao futebol português e por isso mesmo ao futebol português.

O sr. Director Geral dos Desportos foi pessoalmente proceder à distribuição dos prémios aos clubes filiados, no decorrer de uma sessão solene que constituiu homenagem magnífica e justa à prestigiosa A. F. do Porto.

vai ter um Parque de Jogos mantendo as suas tradições; baluarte dos principios desportivos...

Persiste-se na missão de dividir os elementos que mais contribuíram para a vitória magnífica do F. C. Porto na última «Vilta a Portugal» em bicicleta. No Porto também não falta quem deite lenha para a fogueira. Ainda há uma semana, em Fanzeres, terra de Dias Santos e Império dos Santos se afirmou que o último tentaria garantir ao primeiro a «camisola amarela». São maneiras de ver ou de destruir a unidade de uma formação valorosa.

Sim — porque nós nem sempre acreditamos em palavras bonitas. E sabemos que bem servido estaria Dias Santos com irrealisáveis promessas...

↙ A viagem de regresso do F. C. Porto estava em principio marcada para o vapor «Império». Mas não se sabe, nesta altura, se isso poderá acontecer.

↙ Comentou-se com desagrado o facto dos campeões nortenhas não terem comemorado o seu 43.º aniversário. Tudo está bem quando se julga sem «pedras no sapato» ou propósitos de colocar nas alturas o nome façanhudo ou atrevido.

↙ Alviçareiros de várias cores, metem-se dentro dos clubes e dão para a publicidade notícias que muito os prejudica. São os «amigos dos diabos» que aparecem para destruir muitas e caseirosas soluções. Fazem no sempre para servir... mas nunca a colectividade. Eles lá sabem, certamente, quem desejem magoar.

↙ O Boavista não foi mutilado, ao contrário do que se dizia. Pelo menos, na sua primeira apresentação, compareceram todos os seus «zós». As nuvens negras desapareceram? Oxalá.

↙ F. C. Porto e Vilanovense tentam alguma coisa em favor do atletismo portuense. O genízio o primeiro torneio. Depois mais outro. Mas tudo é muito pouco para salvar das dificuldades tão útil modalidade. O Porto teve as suas tradições. No entanto — é o que se vê...

O Clube Internacional de Futebol, o velho e prestigioso Cif, que nestas andanças da vida desportiva em Portugal, disfruta de um lugar de destaque cimentado pelo muito que lhe deve o ideal desportivo, na pu-

↙ Entretanto, a natação desportiva de um longo sono. O tanque da Boavista já provoca as suas receitas, prova absoluta do muito interesse do público nortenho pelos desportos da água.

Os nadadores, por sua vez, vão aparecendo. Lentamente, mesmo adaptando um tanque a piscina, faz-se o possível por expandir a modalidade. Nem será preciso mais nada para tornar risonho o seu futuro.



O treinador Alfredo Valadas assumiu a orientação do Salgueiros que, tudo indica, parece ressurgir. O jogador Paulista recebe indicações quanto à forma de dominar a bola; na outra fotografia, os rapazes escutam com atenção os ensinamentos do novo treinador — em quem o Salgueiros confia

reza dos seus belos ideais e na sua propaganda que do desporto tem feito — vai ver enfim resolvido um dos seus mais difíceis problemas. O Cif vai ter de novo o seu parque desportivo.

Abraçado pelas necessidades de urbanização de Lisboa o Internacional há já 3 anos, ficou sem o seu campo de jogos — uma boa parcela de terreno na Fonte Santa.

Mas não esmoreceram os seus dirigentes e uma pleiade de amigos, que nobremente agarrados à ideia desportiva do Internacional têm mantido não só o «fogo sagrado» como alimentado a vida deste clube de desporto, cujas finalidades são para respeitar e no qual existe um passado que merece glorificação. O Clube Internacional de Futebol, hoje mais modestamente, continua a ser aquele clube votado às práticas desportivas e destinado àqueles que no desporto só desejam encontrar, fácil e simplesmente, as vantagens que, para o vigor físico, advêm do desporto, misto de saúde e alegria.

Logo que a notícia de que o Cif ia ter o seu campo desportivo se confirmou visitámos a sua sede — um rés-do-chão pequeno no bairro de Campo de Ourique.

Entramos na sala pequenina da direcção «essentindo» o ambiente de respeito pelo passado...

Eis uma ideia que não morre! Sem alarde, e ossegadamente, o velho Cif tem surgido no nosso mundo desportivo.

Aconchegados, defendendo-se da poeira dos tempos, as primeiras taças — troféus que vão dando fôlego e vida para aguentar o clube, como aquela taça ganha pelo Cif em Badajoz, em 1909, num jogo de futebol. Depois, muitas mais; e aqui a Silva, diploma honroso de um belo 2.º lugar nos Jogos Desportivos Nacionais. Nas pequenas paredes, em molduras simples, algumas figuras que recordam os grandes tempos do Internacional. Lá estão o António Martins, Plácido Duro, Nobre Guedes, Merik Barley. E além destes, quantos e quantos mais...

Nessa pequena sala encontramos nessa tarde quatro dos seus elementos directivos — dr. Pedro Croft de Moura, tenente Coral Costa e Cunha Pereira, gente que defende e faz seguir por diante os principios do clube. À frente deles uma figura prestigiosa da velha guarda — Kius Gomes. Actividade, entusiasmo, dedicação enorme. Ele tem conduzido, com a força, mas sem desalecamento, a vida do velho Internacional!

Desdobra à nossa frente a planta do novo parque desportivo do Internacional — obra do architecto José Croft de Moura.

O seu dedo indicador percorre ali os vastos 55 mil metros destinados ao «seu» campo.

O terreno está demarcado entre Telheiras — no inicio da azinhaga, em frente do campo do Benfica, e o terreno do Jockey — para o lado do actual campo da Policia. O projecto está já situado em conformidade com

a urbanização do local e a entrada será pelo Campo Grande. Depois quatro «courts» de tenis, cabines e balneários, o campo de futebol, circundado pela pista de atletismo, um campo de basquetbol e outro de voleibol. Fica ainda um vasto terreno que o tempo ajudará a aproveitar.

— Condições viáveis para levar a efeito a obra?

— O sr. presidente da Câmara Municipal, que não tem esquecido o Cif, prometeu nos o seu melhor auxilio. No sr. tenente-coronel Silvação Barreto temos encontrado um amigo. Neste momento os estudos respectivos seguem a sua «evolução» pelas diversas repartições técnicas da Câmara. Vão iniciar-se as terraplenagens do terreno e... ítemos para a obra.

— Voltará a haver um Clube Internacional de grande relevo?

— Com as mesmas tradições e o amadorismo de sempre. E a massa do desporto amador voltará. O Cif com o seu campo de desportos reunirá todos esses elementos e muitos são — que preferem o nosso ambiente.

— Temos hoje a certeza de que estamos de posse do nosso campo de desporto, e por forma a que o clube se sinta bem instalado, como nos havia dito o ministro Duarte Pacheco e grante agora o sr. presidente da Câmara.

Mesmo sem parque desportivo o Internacional tem mantido a sua actividade.

No tenis de mesa — na Divisão de Honra — obteve este ano um terceiro lugar. No voleibol, quarto lugar no campeonato de Lisboa. No tenis — uma modalidade de sempre no Cif — a presença dos seus representantes tem sido assinalada com merecimento e resistiu-se este ano a visita à ilha da Madeira com pleno êxito. E o atletismo? É a modalidade «número um» do clube. O desporto dos grandes momentos do Cif. Mesmo assim, sem campo, o Internacional tem comparecido. Serôdio Gomes, Pinto Basto e João Durães intervieram em provas e campeonatos, marcando congnitamente a posição do clube.

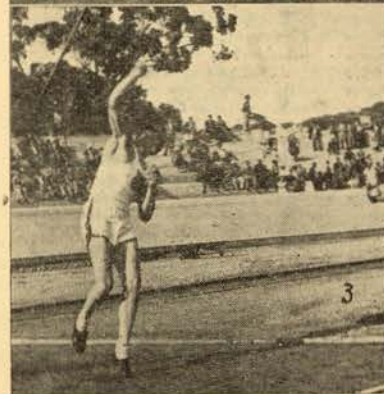
E o futebol, esse futebol amador de que o Cif tem sido um «cérrimo palacino»?

Voltar-se-á ao grupo amador especialmente basando na mocidade das nossas escolas. O Cif tem sido sempre o clube dos estudantes. A ideia não afrouxa.

Alada este ano o Internacional foi o representante português no torneio organizado pela Federação Catalã de Futebol. Em Barcelona, juntaram-se os clubes amadores do Espanhol, Barcelona, R. I. (o seu grupo esteve nas Olimpíadas) e o Internacional.

O velho Cif ressurgel! Respeitável nos seus principios, nas suas ideias, baluarte digno do desporto português, que bem merece entrar na posse dum parque desportivo.

FERNANDO SÁ



O ESTILO dos atletas americanos

ANALISADO E COMENTADO

por Dr. SALAZAR CARREIRA

(Uma imagem vale mil
palavras. — Confúcio)

VI — HELD, lançador do dardo

A LANÇOU em Lisboa 63^m52, mas no campeonato americano, onde venceu, a sua marca foi de 70^m77.

Como estilista foi, dos nossos famosos visitantes, aquele que menos se recomenda; dispõe de excelente chicotada de braço e isso justifica os seus resultados.

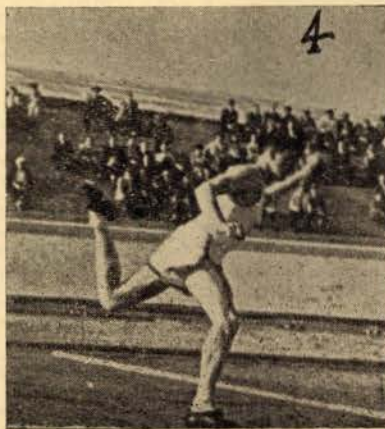
Fig. 1 — Feitos os passos cruzados, Held vai assentar o pé esquerdo bastante afastado do direito, para escorar sobre esse ponto de apoio a manobra de projeção do braço.

A posição do dardo é, porém, errada; o braço direito devia estar estendido à retaguarda de maneira que o dardo se conservasse de eixo no sentido de lançamento, o que não sucede, pois se vê nesta figura que a cauda do dardo está desviada para a direita do lançador.

Fig. 2 e 2 A — São quasi simultâneas; no entanto na Fig. 2 o pé direito, após a impulsão da perna que colocou o lançador de frente para o campo de projeção, ainda se arrasta pelo solo, como mandam os cânones que suceda até ao disparo do dardo; a Fig. 2 A, porém, prova que Held perde demasiado cedo este ponto de apoio. O corpo puxou o ombro e o ombro puxa pelo braço, que só actua no momento final. Repare-se na posição do cotovelo, fortemente fletido para trás, com o antebraço em ângulo recto, de maneira que o dardo passe por cima do ombro. O ângulo do dardo com o solo é bastante aberto, parecendo superior a 45°.

Fig. 3 — O dardo partiu, no mais alto da trajetória da mão, o lançador em extensão superior. O corpo assenta apenas sobre a ponta do pé esquerdo, o que parece insuficiente; devia estar todo o pé assente no solo.

Fig. 4 — Para acabar a travagem do balanço o pé direito vem à frente, com o bordo externo virado para a tábua de limite, ao mesmo tempo que a outra perna é lançada para traz e para cima numa acção semelhante à que remata a manobra do lançador do peso.



Carta do Brasil

(Continuação da pág. 11)

arcar com a responsabilidade de um shoot que poderia ditar o empate da equipa ou até a própria derrota. Admir, talvez o mais enérgico e calmo, fez o golo que seria o 4.º do Vasco e o Fluminense sentiu o abandono da sorte. Três minutos mais tarde, porém, o Vasco confirmava para 5 uma vitória que andou positivamente durante 85 minutos querendo fugir-lhe. Excepcional a exibição dos dois conjuntos. Tudo quanto se poderia dizer foi dito. Para quê acrescentar mais adjetivos para enaltecer o feito das duas equipas? Basta que se diga que de há muito tempo a esta parte não se via no Rio de Janeiro um encontro de futebol tão magnífico sob o ponto de vista técnico e tático. Todos os golos foram de inexcusável habilidade e presteza. Todos francamente indefensáveis. De notável o segundo de Admir.

Calçando a bola na linha da grande área do Fluminense, deu dois passos e fintou com o corpo para o lado direito, dando a Castilho a impressão de que o tiro levaria a direcção do lado esquerdo de Admir. Porém, a bola saiu dos pés do «queixada» com precisão matemática em direcção precisamente ao lado em que o corpo tinha finto. O que se viu foi o guarda-redes do Fluminense estupefamente enganado lançar-se precisamente para o lado contrário. Mário Viana na arbitragem houve-se com acerto e energia na punição das faltas, mormente as cometidas por Bigode, jogador com características semelhantes às do nosso Chico Ferreira, mas mais rude nas entradas.

O Botafogo lá em Niterói não encontrou dificuldades para vencer o Canto do Rio por 3-1 expressivos. Chegou agora a hora do pato Donald começar a enfrentar os chamados «galifões». Até ao presente o alvi-negro tem derrotado os mais fracos, por um capricho que não é capricho, mas não do homem, no entanto chegou a hora da onça beber água. Veremos até que ponto podem os botafoguenses pensar em repetir o feito do ano passado.

Lá em Moça Bonita, padre Miguel ou Estado Proletário, o Bangu viu-se e desejou-se para vencer um Madureira rejuvenescido e cheio de confiança. O Placar no final marcava 2-1 a favor dos donos da casa, mas se fosse o contrário não scandalizaria ninguém.

Estão nomeadas as comissões para Copa do Mundo

Em reunião noturna, a directoria da Confederação Brasileira de Desportos procedeu à nomeação das comissões especiais para a Copa do Mundo a disputar no Brasil em Junho de 1950 e que ficarão assim organizadas:

Comissão Técnica de Futebol presidida pelo sr. Castelo Branco e composta com mais 14 elementos.

Comissão de Assuntos Internacionais com o sr. Cecílio de Barros como presidente e mais 6 elementos.

Comissão de Finanças composta por 12 elementos dentre os quais destacamos o presidente do C. R. Vasco da Gama, sr. António Rodrigues Tavares.

Comissão de Imprensa presidida pelo sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira da Imprensa e composta por todos os chefes das secções desportivas da imprensa escrita ou falada ou seus representantes.

Comissão de Recepção e Assistência presidida pelo sr. Roberto Peixoto e mais 4 destacados elementos dos meios desportivos.

Para os serviços auxiliares foram nomeadas as seguintes comissões: Transportes, presidida pelo sr. capitão Joaquim Couto; alojamento, pelo sr. major Duarte Alves; Serviços de Recepção e Atendimento, pelo sr. coronel Sylvio Américo Santa Rosa.

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

○ grande festival de ginástica que se realizou em Estocolmo, para celebrar o aniversário da morte de Per Henrik Ling, fundador da notabilíssima cruzada de propagação do exercício físico, passou totalmente ignorado em Portugal.

A imprensa, os clubes e entidades oficiais, ou por motivo de temperatura ou por pressão de acontecimentos desportivos mais atraentes, remeteram-se ao silêncio cómodo de quem não anda a par de coisa alguma, exceptuando os afazeres locais.

No entanto, a comemoração do centenário de Ling teve tal significado e tal importância que a sua repercussão futura justifica os elogios e comentários seguintes.

A primeira Lingiada realizou-se em 1939, na capital da Suécia, sob o patrocínio do próprio Rei, Gustavo V, e de seu filho Gustavo Adolfo, Presidente do Comité Honorário, do qual participam o Primeiro Ministro e alguns embaixadores estrangeiros.

As Lingiadas, por assim dizer, são os Jogos Olímpicos dos Ginastas de todo o Mundo. Em 1939 reuniu 7.399 participantes, que representavam 37 nações, e agora congregou cerca de 13.000 passaos, a maioria das quais ostentaram os distintivos dos Países Escandinavos, como seria lógico prever.

Ainda que o sistema primitivo de P. H. Ling tenha sofrido consideráveis transformações e melhorias, seus conceitos basilares permanecem inalterados.

Longe de oferecer ao praticante a possibilidade de proezas atléticas excepcionais — os récores — aquele método garante o desenvolvimento harmónico do corpo humano, o funcionamento perfeito dos órgãos principais, a destreza e, nalguns casos, a cura de deficiências orgânicas adstritas à profissão médica.

Infelizmente, competindo com os desportos, perde todo o valor espectacular mas as suas virtudes e benefícios são-lhe muito superiores.

Agora apresentou-se, pela primeira vez, um género de exercícios corporais bastante curioso e que se denomina «ginástica para donas de casa».

Cinco mil elegantes e robustas matronas executaram em pleno estádio, paramentadas com o vestuário de todos os dias, várias extensões, flexões, rolações dos membros e do corpo, demonstrando que é simples, como acessível, manter o organismo em boa condição, mesmo sob o império das actividades domésticas mais exigentes: o matrimónio e a maternidade.

Algumas damas são bem veteranas, variando as suas idades entre os 20 e os 75 anos. Um jornalista sueco, referindo-se ao acontecimento, sublinhou com maliciosa intenção, que a maioria das executantes — além da fortaleza muscular e da elasticidade das articulações — também pôs os espectadores ao corrente das suas apreciáveis capacidades, portas a dentro.

Vários aspectos do grande festival de Estocolmo e do Congresso Mundial de Educação Física, que se lhe seguiu, tem um cunho pitoresco. Está nesse plano, a embaixada da Indo-China, enviando o Primeiro Ministro e o Ministro dos Estrangeiros, como delegados.

Uma nota simpática e elevada foi o convite endereçado a Carl Diem, um dos mais competentes e respeitados técnicos desportivos da Alemanha e do Mundo, para hospede de honra.

Diem não merecia estar ausente. O gesto do Secretário Geral, Agne Holmström, creador da 1.ª Lingiada, foi um gesto fraternal, cheio de beleza e humanidade.

R. BARRADAS

Natação

A convite das autoridades americanas da Califórnia deslocaram-se a Los Angeles alguns nadadores japonezes, entre os quais o fenomenal estudante Hironoshin Furuhashi e o seu colega Shiro Hashizume, especialistas em provas de meio-fundo.

Na prova de 1.500 metros, durante a primeira eliminatória, Hashizume triunfou de todos os outros concorrentes e bateu o recorde mundial da distância — oficialmente na posse de Farnano,

com 18 m. 58,8 s. e officiosamente propriedade de Furuhashi, com 18 m. 35,7 s.

Na segunda eliminatória, porém, este último nomeado fez uma corrida espantosa e os cronómetros marcarem 18 m. e 19 s., passando nos 800 metros no tempo de 9 m. 40,5 s., que bate o recorde oficial do americano Billy Smith (9 m. 50,9 s.) por 10,4 s.

Espera-se que no dia da final (20 do corrente) a luta entre Furuhashi e Hashizume, faça tombar o recorde dos 1.500 metros a uma cifra assombrosa.



«Jersey Joe» Walcott, o veterano pugilista que derrotou por K-O, o jovem Olle Tandberg, ex-campeão da Europa e da Suécia

Boxe

Que a força de soco é indispensável a todo o pugilista «pesado» com ambições, já se não discute por ser verdade universalmente reconhecida.

O sueco Olle Tandberg sofreu as consequências dessa falta, quando encarou o preto Walcott, no Estádio de Estocolmo. Depois de um primeiro assalto de estudo, Walcott atacou no imediato e o branco aceitou a batalha sem precaução. No 3.º período, Tandberg caiu na lona por 9 segundos e voltou mais duas vezes ao sobrado no 5.º round, a última das quais pela contagem definitiva.

✦ Cerdan partiu para os Estados Unidos a bordo do paquete *Il-de-France*. Vai instalar-se em Loch Sheldraks, para iniciar a preparação do combate desforra com J-ke La Motta.

Atletismo

Em Helsinquia, capital da Finlândia, o conhecido atleta americano, Fortune Gordien, bateu o recorde mundial do arremço de disco, com a distância de 56,297.

Aguarda-se para breve, em Turim, nos dias 3 e 4 de Setembro, o encontro deste atleta com Consolini, antigo recordista também.

✦ O corredor belga Gaston Reiff conseguiu uma proeza excepcional, que o eleva à categoria de super-4s. Em Gävle (Suécia) triunfou numa corrida de 3.000 metros, fazendo 7 m. 58,8 s.

O recorde anterior pertencia a Gundar Haegg com 8 m. 1,2 s.

Ténis

Conforme se previa nos meios autorizados, a Austrália venceu a Itália por 5 a zero, no encontro inter-zonas para disputa da Taça Davis.

Marcello Del Bello e Gianni Cucelli, apesar de estoicos e tenazes, foram muito inferiores aos seus adversários, Sidwell, Sedgman e Bromwich.

As pistas relvadas, que a humidade atmosférica tornara escorregadias, contrariaram sensivelmente os jogadores latinos, conforme os resultados seguintes esclarecem suficientemente:

Sidwell-Cucelli; 6/2, 6/4, 2/6, 6/2; Sedgman-Del Bello: 6/0, 6/4, 6/4; Bromwich e Sedgman-Cucelli e Del Bello: 2/6, 6/2, 6/2, 6/2.

No último dia, com a vitória assegurada, Sidwell-Del Bello: 6/1, 6/1, 6/0; Sedgman-Cucelli: 1/6, 6/1, 6/2, 6/2.

Estes resultados são, na verdade, esmagadores mas os representantes do continente Ocidental figuram entre os mais notáveis tenistas da actualidade.

A final da taça joga-se a 26, 27 e 28 do corrente, em Forrest Hills, entre a Austrália e a equipa americana, formada de Rich, Gonzales, Ted Schroeder, Mulloy e Talbert.

✦ O Barão de Von Gramm ganhou o campeonato da Alemanha 1948-49, derrotando, em Berlim, o seu compatriota Buchok, por 7/5, 6/1, 6/0.

Associado ao australiano Harper, Von Gramm venceu a competição de pares, por 6/3, 7/5, 5/7, 6/4 contra Buchok-Koch.

Os «simpatizantes» do SPORTING na pista do Estádio Alvalade



Dezenas de rapazes — «simpatizantes» do Sporting — estiveram no passado domingo na pista do Estádio «José Alvalade», revelando as suas aptidões para os desportos atléticos. Uns melhor outro — pior, outros ainda demonstrando, de facto, qualidades a aproveitar, todos saltaram barreiras, lançaram o peso, correram os 700 e os 250 metros. Eis o grupo alegre dos atletas leoninos, presentes ou futuros. Quantos futuros campeões terão pisado no último domingo as pistas do Estádio Alvalade?

MAIS uma digressão de turma nacional de hóquei em patins — desta feita, porém, com o melhor aproveitamento, porque os campeões do Mundo vão «exibir-se», pela primeira vez, diante dos nossos irmãos do Ultramar, por certo desejosos de os verem e aplaudirem. Deve-se a iniciativa do excursão aos bons esforços do Grupo Desportivo de Lourenço Marques — a que não são estranhos o auxílio e o patrocinio dos srs. ministros das Colónias e da Educação Nacional, governador geral de Moçambique e director geral dos Desportos.

A ideia do clube moçambicano, arriscada, é certa, mas de todo o ponto útil pelo seu alto sentido patriótico, foi imediatamente secundada por aqueles entusiastas, tornando-a oficial e dando-lhe o seu incondicional aplauso. E se assim não suceder, talvez que a equipe, porque uma viagem nestas circunstâncias e a terras tão longínquas é necessariamente cara, não pudesse deslocar-se no momento. Mas todas as dificuldades foram apançadas — e os portugueses de Angola e de Moçambique vão assim ter ensejo, numa oportunidade única, de ver os seus irmãos da Metrópole que garbosamente ostentam os títulos de campeões do Mundo e de Europa no hóquei em patins.

A «equipe», integrada no seu quase totalidade pelos jogadores que ganharam o último campeonato mundial, estão reservadas grandes festas e preparada por engodos e moçambicanos rejeição condigna. Trata-se, evidentemente, de uma viagem com alto significado, no que respeita à propaganda hiquística, cujos resultados estão bem à vista: maior expansão do hóquei em patins nas Colónias, e, em consequência, criação de núcleos regionais de praticantes por meio do entusiasmo, que, de certeza, já provocar a ida ali dos campeões de campeonatos. E não se esquece, também, e circunstancialmente, favorável a este ponto de vista, de se idractualmente em Lourenço Marques, pri-

HOQUEI EM PATINS

RUMO À ÁFRICA . . .

A equipa nacional vai jogar a Moçambique e Angola

meira cidade onde os hoquistas lusitanos se exibem, já amará, aquele que foi o nosso melhor jogador de especialidade e é, ainda, seguramente, um magístico elemento de propaganda: Fernando Azeiteiro.

Os campeões do Mundo, que seguiram ontem para Moçambique, por via aérea, tendo sido despedido muito afetuosa por parte dos muitos que fizeram e gostariam de os acompanhar nesta nova cruzada a bem do hóquei lusitano, jogam pela ordem, em Lourenço Marques, Beira, Moçamedes e Lubatão — de onde regressam, no dia 5 de Setembro, e bordo no «Angola», para estarem em Lisboa provavelmente no dia 27.

Com a equipa seguiram os srs. capitão Santos Rumão e J. Pereira

de Castro, directores do F. P. Pelinagem, sendo o primeiro o chefe de embaixada que é constituída pelos «internacionais» Emílio Pinto, Correia dos Santos e António Henriques (Paço de Arcos), António Rito, Edgar Soares e Vasco Velez (H. C. Sintra), Fernando Figueredo (Académico do Porto) e Manuel Soares (Infante de Sagres) e, ainda, por António Martins e Joaquim Miguel (Sporting de Oeiras). E, por conseguinte, um grupo forte de jogadores, quatro dos quais campeões do Mundo: Emílio, Rito, Edgar e Correia dos Santos. Não seguiram com os companheiros, devido aos seus afazeres profissionais não lho permitirem no momento, Ovídio Sara e Jesus Correia, e também Sílvio Serpe, este, contudo, por motivo de se encon-

trar convalescente de uma intervenção cirúrgica.

Na hora de abalada — certos de interpretarmos o sentido de quantos se interessam pelo desenvolvimento da modalidade — auguramos bom êxito a esta excursão hoquistica e desejamos que o carovão Irão de África as melhores recordações. Que, em verdade, nas terras por onde passarem, os campeões do Mundo (jogando cu exibindo-se simplesmente) não de saber dignificar mais uma vez a modalidade que prestam e o desporto português. A equipa nacional de hóquei em patins, nesta sua campanha de propaganda através das terras longínquas de Angola e Moçambique, vai levar um abraço amigo aos nossos irmãos de além-mar, com tanto mais significado quanto é certo que se exibirá entre portugueses — a maioria dos quais nunca os viu jogar. Depois dos seus triunfos consecutivos, no estrangeiro e na Metrópole, os campeões do Mundo — orgulho de Portugal — empreendem assim um novo ciclo de propaganda de mais larga projecção nacionalista. Assim o compreendeu o Estado, porquanto os srs. ministro das Colónias e governador geral de Moçambique, dando êxito à sua iniciativa e o empenho que a iniciativa justificava em absoluto e constituem seguro indicativo de que em novos empenhamentos de natureza o Governo está com os desportistas e o bom desporto. Bem haja por isso.

JORGE MONTEIRO

ARCADIA O DANCING N.º 1

= DA CAPITAL =

apresenta o mais categorizado programa de atrações seleccionadas com a famosa parilha de baile clássico espanhol

VICENTE REYES Y LOLITA DOLORES

A extraordinária **LAURA ALONSO**
estreia de baile

MARUJA HERRERO, ANITA LUCENA, NICOLE BLANCHERY,
Irene Contr. M. y Rey, Hermanas Barron,
Mab. I Valencia e Sara Serp

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

ARCADIA com a vocalista **DIANA**
norte-americana

THE ROYAL JAZZ com a **JULIETA RODRIGUES**
vocalista